MACHADO DE ASSIS

TEATRO I:

LIÇÃO DE BOTÂNICA

NÃO CONSULTES MÉDICO

O CAMINHO DA PORTA

Freeditorial

Carta a Quintino Bocaiúva

Meu amigo,

Vou publicar as minhas duas comédias de estréia; e não quero fazê-lo sem o conselho da tua competência.

Já uma crítica benévola e carinhosa, em que tomaste parte, consagrou a estas duas composições palavras de louvor e animação.

Sou imensamente reconhecido, por tal, aos meus colegas da imprensa.

Mas o que recebeu na cena o batismo do aplauso pode, sem inconveniente, ser trasladado para o papel? A diferença entre os dois meios de publicação não modifica o juízo, não altera o valor da obra?

É para a solução destas dúvidas que recorro à tua autoridade literária.

O juízo da imprensa via nestas duas comédias - simples tentativas de autor tímido e receoso. Se a minha afirmação não envolve suspeitas de vaidade disfarçada e mal cabida, declaro que nenhuma outra ambição levo nesses trabalhos. Tenho o teatro por coisa muito séria e as minhas forças por coisa muito insuficiente; penso que as qualidades necessárias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o tempo e o trabalho; cuido que é melhor tatear para achar; é o que procurei e procuro fazer.

Caminhar destes simples grupos de cenas - à comedia de maior alcance, onde o estudo dos caracteres seja consciencioso e acurado, onde a observação da sociedade se case ao conhecimento prático das condições do gênero, - eis uma ambição própria de ânimo juvenil e que eu tenho a imodéstia de confessar.

E tão certo estou da magnitude da conquista, que me não dissimulo o longo estádio que há de percorrer para alcançá-la. E mais. Tão difícil me parece este gênero literário que, sob as dificuldades aparentes, se me afigura que outras haverá, menos superáveis e tão sutis, que ainda as não posso ver.

Até onde vai a ilusão dos meus desejos? Confio demasiado na minha perseverança. Eis o que espero saber de ti.

E dirijo-me a ti, entre outras razões, por mais duas, que me parecem excelentes: razão de estima literária e razão de estima pessoal. Em respeito à tua modéstia, calo o que te devo de admiração e reconhecimento.

O que nos honra, a mim e a ti, é que a tua imparcialidade e a minha submissão ficam salvas da mínima suspeita. Serás justo e eu dócil; terás ainda por isso o meu

reconhecimento; e eu escapo a esta terrível sentença de um escritor: *"Les amitiés qui ne résistent pas à la franchise, valent-elles un regret?"*

Teu amigo e colega,

MACHADO DE ASSIS

❖

Resposta de Quintino Bocaiúva

Carta ao autor

MACHADO DE ASSIS,

Respondo à tua carta. Pouco preciso dizer-te. Fazes bem em dar ao prelo os teus primeiros ensaios dramáticos. Fazes bem, porque essa publicação envolve uma promessa e acarreta sobre ti uma responsabilidade para com o público. E o público tem o direito de ser exigente contigo. És moço e foste dotado pela Providência de um belo talento. Ora, o talento é uma arma divina que Deus concede aos homens para que estes a empreguem no melhor serviço dos seus semelhantes. A idéia é uma força. Inoculá-la no seio das massas é inocular-lhe o sangue puro da regeneração moral. O homem que se civiliza, cristianiza-se. Quem se ilustra, edifica-se. Porque a luz que nos esclarece a razão é a que nos alumia a consciência. Quem aspira a ser grande, não pode deixar de aspirar a ser bom. A virtude é a primeira grandeza deste mundo. O grande homem é o homem de bem. Repito, pois: nessa obra de cultivo literário há uma obra de edificação moral.

Das muitas e variadas formas literárias que existem e que se prestam ao conseguimento desse fim, escolheste a forma dramática. Acertaste. O drama é a forma mais popular, a que mais se nivela com a alma do povo, a que mais recursos possui para atuar sobre o seu espírito, a que mais facilmente o comove e exalta; em resumo, a que tem meios mais poderosos para influir sobre o seu coração.

Quando assim me exprimo, é claro que me refiro às tuas comédias, aceitando-as como elas devem ser aceitas por mim e por todos, isto é, como um ensaio, como uma experiência, e, se podes admitir a frase, como uma ginástica de estilo.

A minha franqueza e a lealdade que devo à estima que me confessas obrigam-me a dizer-te em público o que já te disse em particular. As tuas duas comédias, modeladas ao gosto dos provérbios franceses, não revelam nada mais do que a maravilhosa aptidão do teu espírito, a profusa riqueza do teu estilo. Não inspiram nada mais do que simpatia e consideração por um talento que se amaneira a todas as formas da concepção.

Como lhes falta a idéia, falta-lhes a base. São belas, porque são bem escritas. São valiosas, como artefatos literários, mas até onde a minha vaidosa presunção crítica pode ser tolerada, devo declarar-te que elas são frias e insensíveis, como todo o sujeito sem alma.

Debaixo deste ponto de vista, e respondendo a uma interrogação direta que me diriges, devo dizer-te que havia mais perigo em apresentá-las ao público sobre a rampa da cena do que há em oferecê-las à leitura calma e refletida. O que no teatro podia servir de obstáculo à apreciação da tua obra, favorece-a no gabinete. As tuas comédias são para serem lidas e não representadas. Como elas são um brinco de espírito podem distrair o espírito. Como não têm coração não podem pretender sensibilizar a ninguém. Tu mesmo assim as consideras, e reconhecer isso, é dar prova de bom critério consigo mesmo, qualidade rara de encontrar-se entre os autores.

O que desejo, o que te peço, é que apresentes nesse mesmo gênero algum trabalho mais sério, mais novo, mais original e mais completo. Já fizeste esboços, atira-te à grande pintura.

Posso garantir-te que conquistarás aplausos mais convencidos e mais duradouros.

Em todo o caso, repito-te que fazes bem. Sujeita-te à critica de todos, para que possas corrigir-te a ti mesmo. Como te mostras despretensioso, colherás o fruto são da tua modéstia não fingida. Pela minha parte estou sempre disposto a acompanhar-te, retribuindo-te em simpatia toda a consideração que me impõe a tua jovem e vigorosa inteligência.

Teu

Q. Bocaiúva

LIÇÃO DE BOTÂNICA

PERSONAGENS

D. Helena

D. Leonor

D. Cecília

Barão Segismundo de Kernoberg

Lugar da cena: Andaraí

ATO ÚNICO

Sala em casa de D. Leonor. Portas ao fundo, uma à direita do espectador

CENA I

D. Leonor, D. Helena, D. Cecília

D. Leonor entra, lendo uma carta, D. Helena e D. Cecília entram no fundo.

D. HELENA - Já de volta!

D. CECÍLIA *(a D. Helena, depois de um silÊncio)* - Será alguma carta de namoro?

D. HELENA *(Baixo)* - Criança!

D. LEONOR - Não me explicarão isto?

D. HELENA - Que é?

D. LEONOR - Recebi ao descer do carro este bilhete: "Minha senhora. Permita que o mais respeitoso vizinho lhe peça dez minutos de atenção. Vai nisto um grande interesse da ciência". Que tenho eu com a ciência?

D. HELENA - Mas de quem é a carta?

D. LEONOR - Do Barão Sigismundo de Kernoberg.

D. CECÍLIA - Ah! o tio de Henrique!

D. LEONOR - De Henrique! Que familiaridade é essa?

D. CECÍLIA - Titia, eu...

D. LEONOR Eu que?... Henrique!

D. HELENA - Foi uma maneira de falar na ausência. Com que então o Sr. Barão Sigismundo de Kernoberg pede-lhe dez minutos de atenção, em nome e por amor da ciência. Da parte de um botânico é por força alguma égloga.

D. LEONOR - Seja o que for, não sei se deva receber um senhor a quem nunca vimos. Já o viram alguma vez?

D. CECÍLIA - Eu nunca.

D. HELENA - Nem eu.

D. LEONOR - Botânico e sueco: duas razões para ser gravemente aborrecido. Nada, não estou em casa.

D. CECÍLIA - Mas, quem sabe, titia, se ele quer pedir-lhe... sim... um exame no nosso jardim?

D. LEONOR - Há por todo esse Andaraí muito jardim para examinar.

D. HELENA - Não, senhora, há de recebê-lo.

D. LEONOR - Por que?

D. HELENA - Porque é nosso vizinho, porque tem necessidade de falar-lhe, e, enfim, porque, a julgar pelo sobrinho, deve ser um homem distinto.

D. LEONOR - Não me lembrava do sobrinho. Vá lá; aturemos o botânico. *(Sai pela porta do fundo, à esquerda).*

CENA II

D. HELENA, D. CECÍLIA

D. HELENA - Nã$_0$ me agradece?

D. CECÍLIA - O que?

D. HELENA - Sonsa! Pois não adivinhas o que vem cá fazer o Barão?

D. CECÍLIA - Não.

D. HELENA - Vem pedir a tua mão para o sobrinho.

D. CECÍLIA - Helena!

D. HELENA *(imitando-a)* - Helena!

D. CECÍLIA - Juro...

D. HELENA - Que o não amas.

D. CECÍLIA - Não é isso.

D. HELENA - Que o amas?

D. CECÍLIA - Também não.

D. HELENA - Mau! Alguma coisa há de ser. *Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée.* Porta neste caso é coração. O teu coração há de estar fechado ou aberto...

D. CECÍLIA - Perdi a chave.

D. HELENA *(rindo)* - E não o podes fechar outra vez. São assim todos os corações ao pé de todos os Henriques. O teu Henrique viu a porta aberta, e tomou posse do lugar. Não escolheste mal, não; é um bonito rapaz.

D. CECÍLIA - Oh! uns olhos!

D. HELENA - Azuis.

D. CECÍLIA - Como o céu.

D. HELENA - Louro...

D. CECÍLIA - Elegante...

D. HELENA - Espirituoso...

D. CECÍLIA - E bom...

D. HELENA - Uma pérola... *(Suspira).* Ah!

D. CECÍLIA - Suspiras?

D. HELENA - Que há de fazer uma viúva falando... de uma pérola?

D. CECÍLIA - Oh! tens naturalmente em vista algum diamante de primeira grandeza.

D. HELENA - Nã$_0$ tenho, não; meu coração já não quer jóias.

D. CECÍLIA - Mas as jóias querem o teu coração.

D. HELENA - Tanto pior para elas: hão de ficar em casa do joalheiro.

D. CECÍLIA - Veremos isso. *(Sobe).* Ah!

D. HELENA - Que é?

D. CECÍLIA *(olhando para a direita)* - Um homem desconhecido que lá vem; há de ser o Barão.

D. HELENA - Vou avisar titia. *(Sai pelo fundo, à esquerda).*

CENA III

D. Cecília, Barão

D. CECÍLIA - Será deveras ele? Estou trêmula... Henrique não me avisou de nada... Virá pedir-me?... Mas, não, não, não pode ser ..... Tão moço?... *(O Barão aparece).*

BARÃO *(á porta, depois de profunda cortesia)* - Creio que a Excelentíssima Senhora D. Leonor Gouvêa recebeu uma carta... Vim sem esperar a resposta.

D. CECÍLIA - É o Sr. Barão Sigismundo de Kernoberg? *(O Barão faz um gesto afirmativo).* Recebeu. Queira entrar e sentar-se.*(À parte).* Devo estar vermelha...

BARÃO *(á parte, olhando para Cecília)*

- Há de ser esta.

D. CECÍLIA *(á parte)* - E titia não vem... Que demora!... Não sei que lhe diga... estou tão vexada... *(O Barão tira um livro da algibeira e folheia-o).* Se eu pudesse deixá-lo... É o que vou fazer. *(Sobe).*

BARÃO *(fechando o livro e erguendo-se)* - V. Excia. há de desculpar-me. Recebi hoje mesmo este livro da Europa; é obra que vai fazer revolução na ciência; nada menos que uma monografia das gramíneas, premiadas pela Academia de Stockholmo.

D. CECÍLIA - Sim? *(À parte)* Aturemo-lo, pode vir a ser meu tio.

BARÃO - As gramíneas têm ou não têm perianto? A principio adotou-se a negativa, posteriormente... V. Excia. talvez não conheça é o que é o perianto..

D. CECÍLIA - Não, senhor.

BARÃO - Perianto compõe-se de duas palavras gregas: *peri,* em volta, e *anthos,* flor.

D. CECÍLIA - O invólucro da flor.

BARÃO - Acertou. É o que vulgarmente se chama cálix. Pois as gramíneas eram tidas... *(Aparece D. Leonor* ao *fundo).* Ah!

CENA IV

Os mesmos, D. Leonor

D. LEONOR - Desejava falar-me?

BARÃO - Se me dá essa honra. Vim sem esperar resposta à minha carta. Dez minutos apenas.

D. LEONOR - Estou às suas ordens.

D. CECÍLIA - Com licença. *(À parte, olhando para o céu).* Ah! minha Nossa Senhora! *(Retira-se pelo fundo).*

CENA V

D. Leonor, Barão

(D. Leonor senta-se, fazendo um gesto ao Barão, que a imita).

BARÃO - Sou o Barão Sigismundo de Kernoberg, seu vizinho, botânico de vocação, profissão e tradição, membro da Academia de Stockholmo e comissionado pelo governo da Suécia para estudar a flora da América do Sul. V. Excia. dispensa a minha biografia? *(D. Leonor faz um gesto afirmativo).* Direi somente que o tio de meu tio foi botânico, meu tio botânico, eu botânico, e meu sobrinho há de ser botânico. Todos somos botânicos de tios a sobrinhos. Isto de algum modo explica minha vinda a esta casa.

D. LEONOR - Oh! o meu jardim é composto de plantas vulgares.

BARÃO *(gracioso)* - É porque as melhores flores da casa estão dentro de casa. Mas V. Excia. engana-se; não venho pedir nada do seu jardim.

D. LEONOR - Ah!

BARÃO - Venho pedir-lhe uma coisa que lhe há de parecer singular.

D. LEONOR - Fale.

BARÃO - O padre desposa a igreja; eu desposei a ciência. Saber é o meu estado conjugal; os livros são a minha família. Numa palavra, fiz voto de celibato.

D. LEONOR - Não se case.

BARÃO - Justamente. Mas, V. Excia. compreende que, sendo para mim ponto de fé que a ciência não se dá bem com o matrimonio, nem eu devo casar, nem... Vossa Excia. já percebeu.

D. LEONOR - Coisa nenhuma.

BARÃO - Meu sobrinho Henrique anda estudando comigo os elementos da botânica. Tem talento, há de vir a ser um luminar da ciência. Se o casamos, está perdido.

D. LEONOR - Mas...

BARÃO *(á parte)* - Não entendeu. *(Alto).* Sou obrigado a ser mais franco. Henrique anda apaixonado por uma de suas sobrinhas, creio que esta que saiu daqui, há pouco. Impus-lhe que não voltasse a esta casa; ele resistiu-me. Só me resta um meio: é que V. Excia. lhe feche a porta.

D. LEONOR - Senhor Barão!

BARÃO - Admira-se do pedido? Creio que não é polido nem conveniente. Mas é necessário, minha senhora, é indispensável. A ciência precisa de mais um obreiro: não o encadeiemos no matrimônio.

D. LEONOR - Não sei se devo sorrir do pedido...

BARÃO - Deve sorrir, sorrir e fechar-nos a porta. Terá os meus agradecimentos e as bênçãos da posteridade.

D. LEONOR - Não é preciso tanto; posso fechá-la de graça.

BARÃO - Justo. O verdadeiro benefício é gratuito.

D. LEONOR - Antes, porém, de nos despedirmos, desejava dizer uma coisa e perguntar outra. *(O Barão curva-se).* Direi primeiramente que ignoro se há tal paixão da parte de seu sobrinho; em segundo lugar, perguntarei se na Suécia estes pedidos são usuais.

BARÃO - Na geografia intelectual não há Suécia nem Brasil; os países são outros: astronomia, geologia, matemáticas; na botânica são obrigatórios.

D. LEONOR - Todavia, à força de andar com flores... deviam os botânicos trazê-las consigo.

BARÃO - Ficam no gabinete.

D. LEONOR - Trazem os espinhos somente.

BARÃO - V. Excia. tem espírito. Compreendo a afeição de Henrique a esta casa. *(Levanta-se).* Promete-me então...

D. LEONOR *(levantando-se)* - Que faria no meu caso?

BARÃO - Recusava.

D. LEONOR - Com prejuízo da ciência?

BARÃO - Não, porque nesse caso a ciência mudaria de acampamento, isto é, o vizinho prejudicado escolheria outro bairro para seus estudos.

D. LEONOR - Não lhe parece que era melhor ter feito isso mesmo, antes de arriscar um pedido ineficaz?

BARÃO - Quis primeiro tentar fortuna.

CENA VI

D. Leonor, Barão, D. Helena

D. HELENA *(entra e para)* - Ah!

D. LEONOR - Entra, não é assunto reservado. O Sr. Barão de Kernoberg... *(Ao Barão)* É minha sobrinha Helena. *(À Helena)*Aqui o Sr. Barão vem pedir que o não perturbemos no estudo da botânica. Diz que o seu sobrinho Henrique está destinado a um lugar honroso na ciência, e... conclua, Sr. Barão.

BARÃO - Não convém que se case, a ciência exige o celibato.

D. LEONOR - Ouviste?

D. HELENA - Não compreendo...

BARÃO Uma paixão louca de meu sobrinho pode impedir que... Minhas senhoras, não desejo roubar-lhes mais tempo... Confio em V. Excia., minha senhora... Ser-lhe-ei eternamente grato. Minhas senhoras. *(Faz uma grande cortesia e sai).*

CENA VII

D. Helena, D. Leonor

D. LEONOR *(rindo)* - Que urso!

D. HELENA - Realmente...

D. LEONOR - Perdôo-lhe em nome da ciência. Fique com as suas ervas, e não nos aborreça mais, nem ele nem o sobrinho.

D. HELENA Nem o sobrinho?

D. LEONOR - Nem o sobrinho, nem o criado, nem o cão, se o houver, nem coisa nenhuma que tenha relação com a ciência. Enfada-te? Pelo que vejo, entre o Henrique e a Cecília há tal ou qual namoro?

D. HELENA - Se promete segredo... há.

D. LEONOR - Pois acabe-se o namoro.

D. HELENA - Não é fácil. O Henrique é um perfeito cavalheiro; ambos são dignos um do outro. Por que razão impediremos que dois corações...

D. LEONOR - Não sei de corações, não hão de faltar casamentos a Cecília.

D. HELENA - Certamente que não, mas os casamentos não se improvisam nem se projetam na cabeça; são atos do coração, que a igreja santifica. Tentemos uma coisa.

D. LEONOR - Que é?

D. HELENA - Reconciliemo-nos com o Barão.

D. LEONOR - Nada, nada.

D. HELENA - Pobre Cecília!

D. LEONOR - É ter paciência, sujeite-se às circunstâncias... *(A D. Cecília, que entra)* Ouviste?

D. CECÍLIA - O que, titia?

D. LEONOR - Helena te explicará tudo. *(A D. Heleno, baixo).* Tira-lhe todas as esperanças. *(Indo-se).* Que urso! que urso!

CENA VIII

D. Helena, D. Cecília

D. CECÍLIA - Que aconteceu?

D. HELENA - Aconteceu... *(Olha com tristeza para ela).*

D. CECÍLIA - Acaba.

D. HELENA - Pobre Cecília!

D. CECÍLIA - Titia recusou a minha mão?

D. HELENA - Qual! O Barão é que se opõe ao casamento.

D. CECÍLIA - Opõe-se!

D. HELENA Diz que a ciência exige o celibato do sobrinho. *(D. Cecília encosta-se a uma cadeira).* Mas, sossega; nem tudo está perdido; pode ser que o tempo...

D. CECÍLIA - Mas quem impede que ele estude?

D. HELENA - Mania de sábio. Ou então, evasiva do sobrinho.

D. CECÍLIA Oh! não! é impossível; Henrique é uma alma angélica! Respondo por ele. Há de certamente opor-se a semelhante exigência...

D. HELENA - Não convém precipitar as coisas. O Barão pode zangar-se e ir-se embora.

D. CECÍLIA - Que devo então fazer?

D. HELENA - Esperar. Há tempo para tudo.

D. CECÍLIA - Pois bem, quando Henrique vier...

D. HELENA - Não vem, titia resolveu fechar a porta a ambos.

D. CECÍLIA - Impossível!

D. HELENA - Pura verdade. Foi uma exigência do Barão.

D. CECÍLIA - Ah! conspiram todos contra mim. *(Põe as mãos na cabeça).* Sou muito infeliz! Que mal fiz eu a essa gente? Helena, salva-me! Ou eu mato-me! Anda, vê se descobres um meio...

D. HELENA *(indo sentar-se)* - Que meio?

D. CECÍLIA *(acompanhando-a)* - Um meio qualquer que não nos separe!

D. HELENA - Há um.

D. CECÍLIA - Qual? Dize.

D. HELENA - Casar.

D. CECÍLIA - Oh! não zombes de mim! Tu também amaste, Helena; deves respeitar estas angustias. Não tornar a ver o meu Henrique é uma idéia intolerável. Anda, minha irmãzinha. *(Ajoelha-se inclinando o corpo sobre o regaço de D. Helena).* Salva-me! És tão inteligente, que hás de achar por força alguma idéia; anda, pensa !

D. HELENA *(beijando-lhe a testa)* -Criança! supões que seja tão fácil assim?

D. CECÍLIA - Para ti há de ser fácil.

D. HELENA - Lisonjeira! *(Pega maquinalmente no livro deixado pelo Barão sobre a cadeira).* A boa vontade não pode tudo; é preciso... *(Tem aberto o livro).* Que livro é este?... Ah! talvez do Barão.

D. CECÍLIA - Mas vamos... continua.

D. HELENA - Isto há de ser sueco... trata talvez de botânica. Sabes sueco?

D. CECÍLIA - Helena!

D. HELENA - Quem sabe se este livro pode salvar tudo? *(Depois de um instante de reflexão).* Sim, é possível. Tratará de botânica?

D. CECÍLIA - Trata.

D. HELENA - Quem te disse?

D. CECÍLIA - Ouvi dizer ao Barão, trata das...

D. HELENA - Das...

D. CECÍLIA - Das gramíneas?

D. HELENA - Só das gramíneas?

D. CECÍLIA - Não sei; foi premiado pela Academia de Stockholmo.

D. HELENA - De Stockholmo. Bem. *(Levanta-se).*

D. CECÍLIA *(levantando-se)* - Mas que é?

D. HELENA - Vou mandar-lhe o livro...

D. CECÍLIA - Que mais?

D. HELENA - Com um bilhete.

D. CECÍLIA *(olhando para a direita)* Não é preciso; lá vem ele.

D. HELENA - Ah!

D. CECÍLIA - Que vais fazer?

D. HELENA - Dar-lhe o livro.

D. CECÍLIA - O livro, e...

D. HELENA - E as despedidas.

D. CECÍLIA - Não compreendo.

D. HELENA - Espera e verás.

D. CECÍLIA - Não posso encara-lo; adeus.

D. HELENA - Cecília! *(D. Cecília sai).*

CENA IX

D. HELENA, BARÃO

BARÃO *(á porta)* - Perdão, minha senhora; eu trazia um livro há pouco...

D. HELENA *(com o livro na mão)* - Será este?

BARÃO *(caminhando para ela)* - Justamente.

D. HELENA - Escrito em sueco, penso eu...

BARÃO - Em sueco.

D. HELENA - Trata naturalmente de botânica.

BARÃO - Das gramíneas.

D. HELENA *(com interesse)* - Das gramíneas!

BARÃO - De que se espanta?

D. HELENA - Um livro publicado...

BARÃO - Ha quatro meses.

D. HELENA - Premiado pela Academia de Stockholmo?

BARÃO *(admirado)* - É verdade. Mas...

D. HELENA - Que pena que eu não saiba sueco!

BARÃO - Tinha noticia do livro?

D. HELENA - Certamente. Ando ansiosa por lê-lo.

BARÃO - Perdão, minha senhora. Sabe botânica?

D. HELENA - Não ouso dizer que sim, estudo alguma coisa; leio quando posso. É ciência profunda e encantadora.

BARÃO *(com calor)* - É a primeira de todas.

D. HELENA - Não me atrevo a apóia-lo, porque nada sei das outras, e poucas luzes tenho de botânica, apenas as que pode dar um estudo solitário e deficiente. Se a vontade suprisse o talento...

BARÃO - Por que não? *Le génie, c'est la patience,* dizia Buffon.

D. HELENA *(sentando-se)* - Nem sempre.

BARÃO - Realmente, estava longe de supor, que, tão perto de mim, uma pessoa tão distinta dava algumas horas vagas ao estudo da minha bela ciência.

D. HELENA - Da sua esposa.

BARÃO *(sentando)* - É verdade. Um marido pode perder a mulher, e se a amar deveras, nada a compensará neste mundo, ao passo que a ciência não morre... Morremos nós, ela sobrevive com todas as graças do primeiro dia, ou ainda maiores, porque cada descoberta é um encanto novo.

D. HELENA - Oh! tem razão!

BARÃO - Mas, diga-me V. Excia.: tem feito estudo especial das gramíneas?

D. HELENA - Por alto... por alto...

BARÃO - Contudo, sabe que a opinião dos sábios não admitia o perianto... *(D. Helena faz sinal afirmativo).* Posteriormente reconheceu-se a existência do perianto. *(Novo gesto de D. Helena).* Pois este livro refuta a segunda opinião.

D. HELENA - Refuta o perianto?

BARÃO - Completamente.

D. HELENA - Acho temeridade.

BARÃO - Também eu supunha isso... Li-o, porém, e a demonstração é claríssima. Tenho pena que não possa lê-lo. Se me dá licença, farei uma tradução portuguesa e daqui a duas semanas...

D. HELENA - Não sei se deva aceitar...

BARÃO - Aceite; é o primeiro passo para me não recusar segundo pedido.

D. HELENA - Qual?

BARÃO - Que me deixe acompanha-la em seus estudos, repartir o pão do saber com V. Excia. É a primeira vez que a fortuna me depara uma discípula. Discípula é, talvez, ousadia da minha parte...

D. HELENA - Ousadia, não; eu sei muito pouco; posso dizer que não sei nada.

BARÃO - A modéstia é o aroma do talento, como o talento é o esplendor da graça. V. Excia. possui tudo isso. Posso compará-la à violeta, - *Viola odorata* de Lineu, - que é formosa e recatada...

D. HELENA *(interrompendo)* - Pedirei licença à minha tia. Quando será a primeira lição?

BARÃO - Quando quiser. Pode ser amanhã. Tem certamente notícia da anatomia vegetal.

D. HELENA - Notícia incompleta.

BARÃO - Da fisiologia?

D. HELENA - Um pouco menos.

BARÃO - Nesse caso, nem a taxonomia, nem a fitografia...

D. HELENA - Não fui até lá.

BARÃO - Mas há de ir... Verá que mundos novos se lhe abrem diante do espírito. Estudaremos, uma por uma, todas as famílias, as orquídeas, as jasmíneas, as rubiáceas, as oleáceas, as narcíseas, as umbelíferas, as...

D. HELENA - Tudo, desde que se trata de flores.

BARÃO - Compreendo: amor de família.

D. HELENA - Bravo! um cumprimento!

BARÃO *(folheando o livro)* - *A* ciência os permite.

D. HELENA *(à parte)* - O mestre é perigoso. *(Alto).* Tinham-me dito exatamente o contrário; disseram-me que o Sr. Barão era... não sei como diga... era...

BARÃO - Talvez um urso.

D. HELENA - Pouco mais ou menos.

BARÃO - E sou.

D. HELENA - Não creio.

BARÃO - Por que não crê?

D. HELENA - Porque o vejo amável.

BARÃO - Suportável apenas.

D. HELENA - Demais, imaginava-o uma figura muito diferente, um velho macilento, melenas caídas, olhos encovados.

BARÃO - Estou velho, minha senhora.

D. HELENA - Trinta e seis anos.

BARÃO - Trinta e nove.

D. HELENA - Plena mocidade.

BARÃO - Velho para o mundo. Que posso eu dar ao mundo senão a minha prosa científica?

D. HELENA - Só uma coisa lhe acho inaceitável.

BARÃO - Que é?

D. HELENA - A teoria de que o amor e a ciência são incompatíveis.

BARÃO - Oh! isso...

D. HELENA - Dá-se o espírito à ciência e o coração ao amor. São territórios diferentes, ainda que limítrofes.

BARÃO - Um acaba por anexar o outro.

D. HELENA - Não creio.

BARÃO - O casamento é uma bela coisa, mas o que faz bem a uns, pode fazer mal a outros. Sabe que Mafoma não permite o uso do vinho aos seus sectários. Que fazem os turcos? Extraem o suco de uma planta, da família das papaveráceas, bebem-no, e ficam alegres. Esse licor, se nós o bebêssemos, matar-nos-ia. O casamento, para nós, é o vinho turco.

D. HELENA *(erguendo os ombros)* -Comparação não é argumento. Demais, houve e há sábios casados.

BARÃO - Que seriam mais sábios se não fossem casados.

D. HELENA - Não fale assim. A esposa fortifica a alma do sábio. Deve ser um quadro delicioso para o homem que despende as suas horas na investigação da natureza, faze-lo ao lado da mulher que o ampara e anima, testemunha de seus esforços, sócia de suas alegrias, atenta, dedicada, amorosa. Será vaidade de sexo? Pode ser, mas eu creio que o melhor premio do mérito é o sorriso da mulher amada. O aplauso público é mais ruidoso, mas muito menos tocante que a aprovação doméstica.

BARÃO *(depois de um instante de hesitação e luta)* - Falemos da nossa lição.

D. HELENA - Amanhã, se minha tia consentir. *(Levanta-se).* Até amanhã, não?

BARÃO - Hoje mesmo, se o ordenar.

D. HELENA - Acredita que não perderei o tempo?

BARÃO - Estou certo que não.

D. HELENA - Serei acadêmica de Stockholmo?

BARÃO - Conto que terei essa honra.

D. HELENA *(cortejando)* - Até amanhã.

BARÃO *(o mesmo)* - Minha senhora! *(D. Helena sai pelo fundo, esquerda, o Barão caminha para a direita, mas volta para buscar o livro que ficara sobre a cadeira ou sofá).*

CENA X

Barão, D. Leonor

BARÃO *(pensativo)* - Até amanhã! Devo eu cá voltar? Talvez não devesse, mas é interesse da ciência... a minha palavra empenhada... O pior de tudo é que a discípula é graciosa e bonita. Nunca tive discípula, ignoro até que ponto é perigoso... Ignoro? Talvez não... *(Põe a mão no peito).* Que é isto?... *(Resoluto).* Não, sicambro! Não hás de

adorar o que queimaste! Eia, volvamos às flores e deixemos esta casa para sempre. *(Entra D. Leonor).*

D. LEONOR *(vendo o Barão)* - Ah!

BARÃO - Voltei há dois minutos; vim buscar este livro. *(Cumprimentando).* Minha senhora!

D. LEONOR - Senhor Barão!

BARÃO *(vai até à porta e volta)* - Creio que V. Excia. não me fica querendo mal?

D. LEONOR - Certamente que não.

BARÃO *(cumprimentando)* - Minha senhora!

D. LEONOR *(idem)* - Senhor Barão!

BARÃO *(vai até à porta e volta)* - A senhora D. Helena não lhe falou agora?

D. LEONOR - Sobre que?

BARÃO - Sobre umas lições de botânica...

D. LEONOR - Não me falou em nada...

BARÃO *(cumprimentando)* - Minha senhora!

D. LEONOR *(idem)* - Senhor Barão! *(Barão sai).* Que esquisitão! Valia a pena cultivá-lo de perto.

BARÃO *(reaparecendo)* - Perdão...

D. LEONOR - Ah! Que manda?

BARÃO *(aproxima-se)* - Completo a minha pergunta. A sobrinha de V. Excia. falou-me em receber algumas lições de botânica; V. Excia. consente? *(Pausa).* Há de parecer-lhe esquisito este pedido, depois do que tive a honra de fazer-lhe há pouco...

D. LEONOR - Sr. Barão, no meio de tantas cópias e imitações humanas...

BARÃO - Eu acabo: sou original.

D. LEONOR - Não ouso dizê-lo.

BARÃO - Sou; noto, entretanto, que a observação de V. Excia. não responde à minha pergunta.

D. LEONOR - Bem sei; por isso mesmo é que a fiz.

BARÃO - Nesse caso...

D. LEONOR - Nesse caso, deixe-me refletir.

BARÃO - Cinco minutos?

D. LEONOR - Vinte e quatro horas.

BARÃO - Nada menos?

D. LEONOR - Nada menos.

BARÃO *(cumprimentando)* - Minha senhora!

D. LEONOR *(idem)* - Senhor Barão! *(Sai o Barão).*

CENA XI

D. Leonor, D. Cecília

D. LEONOR - Singular é ele, mas não menos singular é a idéia de Helena. Para que quererá ela aprender botânica?

D. CECÍLIA *(entrando)* - Helena! *(D. Leonor volta-se).* Ah! é titia.

D. LEONOR - Sou eu.

D. CECÍLIA - Onde está Helena?

D. LEONOR - Não sei, talvez lá em cima. *(D. Cecília dirige-se para o fundo).* Onde vais?...

D. CECÍLIA - Vou...

D. LEONOR - Acaba.

D. CECÍLIA - Vou concertar o penteado.

D. LEONOR - Vem cá; concerto eu. *(D. Cecília aproxima-se de D. Leonor).* Não é preciso, está excelente. Diz-me: estás muito triste?

D. CECÍLIA *(muito triste)* - Não, senhora; estou alegre.

D. LEONOR - Mas, Helena disse-me que tu...

D.CECÍLIA - Foi gracejo.

D. LEONOR - Não creio; tens alguma coisa que te aflige; hás de contar-me tudo.

D. CECÍLIA - Não posso.

D. LEONOR - Não tens confiança em mim?

D. CECÍLIA- Oh! toda!

D. LEONOR - Pois eu exijo... *(Vendo Helena, que aparece à porta do fundo, esquerda). Ah!* chegas a propósito.

CENA XII

D. Leonor, D. Cecília, D. Helena

D. HELENA - Para que?

D. LEONOR - Explica-me que historia é essa que me contou o Barão?

D. CECÍLIA *(com curiosidade)* - O Barão?

D. LEONOR - Parece que estás disposta a estudar botânica.

D. HELENA - Estou.

D. CECÍLIA *(sorrindo)* - Com o Barão?

D. HELENA - Com o Barão.

D. LEONOR - Sem o meu consentimento?

D. HELENA - Com o seu consentimento.

D. LEONOR - Mas de que te serve saber botânica?

D. HELENA - Serve para conhecer as flores dos meus *bouquets*, para não confundir jasmíneas com rubiáceas, nem bromélias com umbelíferas.

D. LEONOR - Com que?

D. HELENA - Umbelíferas.

D.LEONOR - Umbe...

D. HELENA - ... líferas. Umbelíferas.

D. LEONOR - Virgem santa! E que ganhas tu com esses nomes bárbaros?

D. HELENA - Muita coisa.

D. CECÍLIA *(à parte)* - Boa Helena! Compreendo tudo.

D. HELENA - O perianto, por exemplo; a senhora talvez ignore a questão do perianto... a questão das gramíneas...

D. LEONOR - E dou graças a Deus!

D. CECÍLIA *(animada)* - Oh! deve ser uma questão importantíssima!

D. LEONOR *(espantada)* - Também tu!

D. CECÍLIA - Só o nome! Perianto. É nome grego, titia, um delicioso nome grego. *(À parte).* Estou morta por saber do que se trata.

D. LEONOR - Vocês fazem-me perder o juízo! Aqui andam bruxas, de certo. Perianto de um lado, bromélias de outro; uma língua de gentios, avessa à gente cristã. Que quer dizer tudo isso?

D. CECÍLIA - Quer dizer que a ciência é uma grande coisa e que não há remédio senão adorar a botânica.

D. LEONOR - Que mais?

D. CECÍLIA - Que mais? Quer dizer que a noite de hoje há de estar deliciosa, e poderemos ir ao teatro lírico. Vamos, sim? Amanhã é o baile do conselheiro e sábado o casamento da Júlia Marcondes. Três dias de festas! Prometo divertir-me muito, muito, muito. Estou tão contente! Ria-se, titia; ria-se e dê-me um beijo!

D. LEONOR - Não dou, não, senhora. Minha opinião é contra a botânica, e isto mesmo vou escrever ao Barão.

D. HELENA - Reflita primeiro; basta amanhã!

D. LEONOR - Há de ser hoje mesmo! Esta casa está ficando muito sueca; voltemos a ser brasileiras. Vou escrever ao urso. Acompanha-me, Cecília; hás de contar-me o que lia. *(Saem).*

CENA XIII

D. Helena, Barão

D. HELENA - Cecília deitou tudo a perder... Não se pode fazer nada com crianças... Tanto pior para ela. *(Pausa).* Quem sabe se tanto melhor para mim? Pode

ser. Aquele professor não é assaz velho, como convinha. Além disso, há nele um ar de diamante bruto, uma alma apenas coberta pela crosta científica, mas cheia de fogo e luz. Se eu viesse a arder ou cegar...*(Levanta os ombros).* Que idéia! Não passa de um urso, como titia lhe chama, um urso com patas de rosas.

BARÃO *(aproximando-se)* - Perdão, minha senhora. Ao atravessar a chácara ia pensando no nosso acordo, e, sinto dizê-lo, mudei de resolução.

D. HELENA - Mudou

BARÃO *(aproximando-se)* - Mudei.

D. HELENA - Pode saber-se o motivo?

BARÃO - São três. O primeiro é o meu pouco saber... Ri-se?

D. HELENA - De incredulidade. O segundo motivo...

BARÃO - O segundo motivo é o meu

gênio áspero e despótico.

D. HELENA - Vejamos o terceiro.

BARÃO - O terceiro é a sua idade. Vinte e um anos, não?

D. HELENA - Vinte e dois.

BARÃO - Solteira?

D. HELENA - Viúva.

BARÃO - Perpetuamente viúva?

D. HELENA - Talvez.

BARÃO - Nesse caso, quarto motivo:

sua viuvez perpétua.

D. HELENA - Conclusão: todo o nosso acordo está desfeito.

BARÃO - Não digo que esteja; só por mim não o posso romper. V. Excia., porém, avaliará as razões que lhe dou, e decidirá se ele deve ser mantido.

D. HELENA - Suponha que respondo

afirmativamente. -

BARÃO - Paciência! obedecerei.

D. HELENA - De má vontade?

BARÃO - Não; mas com grande desconsolação.

D. HELENA - Pois, Sr. Barão, não desejo violentá-lo; está livre.

BARÃO - Livre, e não menos desconsolado.

D. HELENA - Tanto melhor!

BARÃO - Como assim?

D. HELENA - Nada mais simples: vejo que é caprichoso e incoerente.

BARÃO - Incoerente, é verdade.

D. HELENA - Irei procurar outro mestre.

BARÃO - Outro mestre! Não faça isso.

D. HELENA - Por que?

BARÃO -Porque... *(Pausa).* Vossa Excia. é inteligente bastante para dispensar mestres.

D. HELENA - Quem lho disse?

BARÃO - Adivinha-se.

D. HELENA - Bem; irei queimar os olhos nos livros.

BARÃO - Oh! seria estragar as mais belas flores do mundo!

D. HELENA *(sorrindo)* - Mas então nem mestres nem livros?

BARÃO - Livros, mas aplicação moderada. A ciência não se colhe de afogadilho; é preciso penetra-la com segurança e cautela.

D. HELENA - Obrigada. *(Estendendo-lhe a mão).* E visto que me recusa as suas lições, adeus.

BARÃO - Já!

D. HELENA - Pensei que queria retirar-se.

BARÃO - Queria e custa-me. Em todo caso, não desejava sair sem que V. Excia. me dissesse francamente o que pensa de mim. Bem ou mal?

D. HELENA - Bem e mal.

BARÃO - Pensa então...

D. HELENA - Penso que é inteligente e bom, mas caprichoso e egoísta.

BARÃO - Egoísta!

D. HELENA - Em toda a força da expressão. *(Senta-se).* Por egoísmo - científico, é verdade, - opõe-se às afeições de seu sobrinho; por egoísmo, recusa-me as suas lições. Creio que o Sr. Barão nasceu para mirar-se no vasto espelho da natureza, a sós consigo, longe do mundo, e seus enfados. Aposto que - desculpe a indiscrição da pergunta - aposto que nunca amou?

BARÃO - Nunca.

D. HELENA - De maneira que nunca uma flor teve a seus olhos outra aplicação, além do estudo?

BARÃO - Engana-se.

D HELENA - Sim?

BARÃO - Depositei algumas coroas de goivos no túmulo de minha mãe.

D. HELENA - Ah!

BARÃO - Há em mim alguma coisa mais do que eu mesmo. Há a poesia das afeições por baixo da prova científica. Não a ostento, é verdade; mas sabe V. Excia. o que tem sido a minha vida? Um claustro. Cedo perdi o que havia mais caro: a família. Desposei a ciência, que me tem servido de alegrias, consolações e esperanças. Deixemos, porém, tão tristes memórias.

D. HELENA - Memórias de homem; até aqui eu só via o sábio.

BARÃO - Mas o sábio reaparece e enterra o homem. Volto à vida vegetativa... se me é lícito arriscar um trocadilho em português, que eu não sei bem se o é. Pode ser que não passe de aparência. Todo eu sou aparências, minha senhora, aparências de homem, de linguagem e até de ciência...

D. HELENA - Quer que o elogie?

BARÃO - Não; desejo que me perdoe.

D. HELENA - Perdoar-lhe o que?

BARÃO - A incoerência de que me acusava há pouco.

D. HELENA - Tanto perdôo que o imito. Mudo igualmente de resolução, e dou de mão ao estudo.

BARÃO - Não faça isso!

D HELENA - Não lerei uma só linha de botânica, que é a mais aborrecível ciência do mundo.

BARÃO - Mas o seu talento...

D. HELENA - Não tenho talento; tinha curiosidade.

BARÃO - É a chave do saber.

D. HELENA - Que monta isso? A porta fica tão longe!

BARÃO - É certo, mas o caminho é de flores.

D. HELENA - Com espinhos.

BARÃO - Eu lhe quebrarei os espinhos.

D. HELENA - De que modo?

BARÃO - Serei seu mestre.

D. HELENA *(levanta-se)* - Não! Respeito *os* seus escrúpulos. Subsistem, penso

eu, os motivos que alegou. Deixe-me ficar na minha ignorância.

BARÃO - É a última palavra de Vossa Excia.?

D. HELENA - Última.

BARÃO *(com ar de despedida)* - Nesse caso... aguardo as suas ordens.

D. HELENA - Que se não esqueça de nós.

BARÃO - Crê possível que me esquecesse?

D. HELENA - Naturalmente: um conhecimento de vinte minutos...

BARÃO - O tempo importa pouco ao caso. Não me esquecerei nunca mais destes vinte minutos, os melhores da minha vida, os primeiros que hei realmente vivido. A ciência não é tudo, minha senhora. Há alguma coisa mais, além do espírito, alguma coisa essencial ao homem, e...

D. HELENA - Repare, Sr. Barão, que está falando à sua ex-discípula.

BARÃO - A minha ex-discípula tem coração, e sabe que o mundo intelectual é estreito para conter o homem todo; sabe que a vida moral é uma necessidade do ser pensante.

D. HELENA - Não passemos da botânica à filosofia, nem tanto à terra, nem tanto ao céu. O que o Sr. Barão quer dizer, em boa e mediana prosa, é que estes vinte minutos de palestra não o enfadaram de todo. Eu digo a mesma coisa. Pena é que fossem só vinte minutos, e que o Sr. Barão volte às suas amadas plantas; mas é força ir ter com elas, não quero tolher-lhe os passos. Adeus! *(Inclinando-se como a despedir-se).*

BARÃO *(cumprimentando)* - Minha senhora! *(Caminha até à porta e pára).* Não transporei mais esta porta?

D. HELENA - Já a fechou por suas próprias mãos.

BARÃO - A chave está nas suas.

D. HELENA *(olhando para* as *mãos)* -Nas minhas?

BARÃO *(aproximando-se)* - Decerto.

D. HELENA - Não a vejo.

BARÃO - É a esperança. Dê-me a esperança de que...

D. HELENA *(depois de uma pausa)* - A esperança de que...

BARÃO - A esperança de que... a esperança de...

D. HELENA *(que tem tirado uma flor de um vaso)* - Creio que lhe será mais fácil definir esta flor.

BARÃO - Talvez.

D. HELENA - Mas não é preciso dizer mais: adivinhei-o.

BARÃO *(alvoroçado)* - Adivinhou?

D. HELENA - Adivinhei que quer a todo o transe ser meu mestre.

BARÃO *(friamente)* - É isso.

D. HELENA - Aceito.

BARÃO - Obrigado.

D. HELENA - Parece-me que. ficou triste?...

BARÃO - Fiquei, pois que só adivinhou metade do meu pensamento. Não adivinhou que eu... por que o não direi? di-lo-ei francamente... Não adivinhou que...

D. HELENA - Que...

BARÃO *(depois de alguns esforços para falar)* - *Nada...* nada...

D. LEONOR *(dentro)* - Não admito!

CENA XIV

D. Helena, Barão, D. Leonor, D. Cecília

D. CECÍLIA *(entrando pelo fundo com D. Leonor)* - Mas titia...

D. LEONOR - Não admito, já disse! Não te faltam casamentos. *(Vendo o Barão).* Ainda aqui!

BARÃO - Ainda e sempre, minha senhora.

D. LEONOR - Nova originalidade.

BARÃO - Oh! não! A coisa mais vulgar do mundo. Refleti, minha senhora, e venho pedir para meu sobrinho a mão de sua encantadora sobrinha. *(Gesto de Cecília).*

D. LEONOR - A mão de Cecília!

D. CECÍLIA - Que ouço!

BARÃO - O que eu lhe pedia há pouco era uma extravagância, um ato de egoísmo e violência, além de descortesia que era, e que V. Excia. me perdoou, atendendo à singularidade das minhas maneiras. Vejo tudo isso agora...

D. LEONOR - Não me oponho ao casamento, se for do agrado de Cecília.

D. CECÍLIA *(baixo, a D. Helena)* Obrigada! Foste tu...

D. LEONOR - Vejo que o Sr. Barão refletiu.

BARÃO - Não foi só reflexão, foi também resolução.

D. LEONOR - Resolução?

BARÃO *(gravemente)* - Minha senhora, atrevo-me a fazer outro pedido.

D. LEONOR - Ensinar botânica à Helena? Já me deu vinte e quatro horas para responder.

BARÃO - Peço-lhe mais do que isso; V. Excia. que é, por assim dizer, irmã mais velha de sua sobrinha, pode intervir junto dela para... *(Pausa).*

D. LEONOR - Para...

D. HELENA - Acabo eu. O que o Sr. Barão deseja é a minha mão.

BARÃO - Justamente!

D. LEONOR *(espantada)* - Mas... Não compreendo nada.

BARÃO - Não é preciso compreender; basta pedir.

D. HELENA - Não basta pedir; é preciso alcançar.

BARÃO - Não alcançarei?

D. HELENA - Dê-me três meses de reflexão.

BARÃO - Três meses é a eternidade

D. HELENA - Uma eternidade de noventa dias.

BARÃO - Depois dela, a felicidade ou o desespero?

D. HELENA *(estendendo-lhe a mão)* - Está nas suas mãos a escolha. *(A D. Leonor).* Não se admire tanto, titia; tudo isto é botânica aplicada.

(Cai o pano)

NÃO CONSULTES MÉDICO

PERSONAGENS

D. Leocádia

D. Carlota

D. Adelaide

Cavalcante

Magalhães

Um gabinete em casa de Magalhães, na Tijuca

CENA I

Magalhães, D. Adelaide

(Magalhães lê um livro. D. Adelaide folheia um livro de gravuras)

MAGALHÃES - Esta gente não terá vindo?

D. ADELAIDE - Parece que não. Já saíram há um bom pedaço; felizmente o dia está fresco. Titia estava tão contente ao almoço! E ontem? Você viu que risadas que ela dava, ao jantar, ouvindo o Dr. Cavalcante? E o Cavalcante sério. Meu Deus, que homem triste! que cara de defunto!

MAGALHÃES - Coitado do Cavalcante! Mas que quererá ela comigo? Falou-me em um obséquio.

D. ADELAIDE - Sei o que é.

MAGALHÃES - Que é?

D. ADELAIDE - Por ora é segredo. Titia quer que levemos Carlota conosco.

MAGALHÃES - Para a Grécia?

D. ADELAIDE - Sim, para a Grécia.

MAGALHÃES - Talvez ela pense que a Grécia é em Paris. Eu aceitei a legação de Atenas porque não me dava bem em Guatemala e não há outra vaga na América. Nem é só por isso; você tem vontade de ir acabar a lua de mel na Europa... Mas então Carlota vai ficar conosco?

D. ADELAIDE - É só algum tempo. Carlota gostava muito de um tal Rodrigues, capitão de engenharia, que casou com uma viúva espanhola. Sofreu muito, e ainda agora anda meia triste; titia diz que há de curá-la.

MAGALHÃES *(rindo)* - É a mania dela.

D. ADELAIDE *(rindo)* - Só cura moléstias morais.

MAGALHÃES - A verdade é que nos curou; mas, por muito que lhe paguemos em gratidão, fala-nos sempre da nossa antiga moléstia. "Como vão os meus doentezinhos? Não é verdade que estão curados?"

D. ADELAIDE - Pois falemos-lhe nós da cura, para lhe dar gosto. Agora quer curar a filha.

MAGALHÃES - Do mesmo modo?

D. ADELAIDE - Por ora não. Quer mandá-la á Grécia para que ela esqueça o capitão de engenharia.

MAGALHÃES - Mas, em qualquer parte se esquece um capitão de engenharia.

D. ADELAIDE - Titia pensa que a visita das ruínas e dos costumes diferentes cura mais depressa. Carlota está com dezoito para dezenove anos; titia não a quer casar antes dos

vinte. Desconfio que já traz um noivo em mente, um moço que não é feio, mas tem o olhar espantado.

MAGALHÃES - É um desarranjo para nós; mas, enfim, pode ser que lhe achemos lá na Grécia algum descendente de Alcibíades que a preserve do olhar espantado.

D. ADELAIDE - Ouço passos. Há de ser titia...

MAGALHÃES - Justamente! Continuemos a estudar a Grécia. *(Sentam-se outra vez, Magalhães lendo, D. Adelaide folheando o livro de vistas).*

CENA II

Os mesmos e D. Leocádia

D. LEOCÁDIA *(para á porta, desce pé ante pé, e mete a cabeça entre os dois)* - Como vão os meus doentezinhos? Não é verdade que estão curados?

MAGALHÃES *(á parte)* - É isto todos os dias.

D. LEOCÁDIA - Agora estudam a Grécia; fazem muito bem. O país do casamento é que vocês não precisaram estudar.

D. ADELAIDE - A senhora foi a nossa geografia, foi quem nos deu as primeiras lições.

D. LEOCÁDIA - Não diga lições, diga remédios. Eu sou doutora, eu sou médica. Este *(indicando Magalhães),* quando voltou de Guatemala, tinha um ar esquisito; perguntei-lhe se queria ser deputado, disse-me que não; observei-lhe o nariz, e vi que era um triste nariz solitário...

MAGALHÃES - Já me disse isto cem vezes.

D. LEOCÁDIA *(voltando-se para ele e continuando)* - Esta *(designando Adelaide)* andava hipocondríaca. O médico da casa receitava pílulas, cápsulas, uma porção de tolices que ela não tomava porque eu não deixava; o médico devia ser eu.

D. ADELAIDE - Foi uma felicidade. Que é que se ganha em engolir pílulas?

D. LEOCÁDIA - Apanham-se moléstias.

D. ADELAIDE - Uma tarde, fitando eu os olhos de Magalhães...

D. LEOCÁDIA - Perdão, o nariz.

D. ADELAIDE - Vá lá. A senhora disse-me que ele tinha o nariz bonito, mas muito solitário. Não entendi; dois dias depois, perguntou-me se queria casar, eu não sei que disse, e acabei casando.

D. LEOCÁDIA - Não é verdade que estão curados?

MAGALHÃES - Perfeitamente.

D. LEOCÁDIA - A propósito, como irá o Dr. Cavalcante? Que esquisitão! Disse-me ontem que a coisa mais alegre do mundo era um cemitério. Perguntei-lhe se gostava aqui da Tijuca, respondeu-me que sim, e que o Rio de Janeiro era uma grande cidade. "É a segunda vez que a vejo, disse ele; eu sou do Norte. É uma grande cidade, José Bonifácio é um grande homem, a rua do Ouvidor um poema, o chafariz da Carioca um belo chafariz, o Corcovado, o gigante de pedra, Gonçalves Dias, os*Timbiras,* o Maranhão..." Embrulhava tudo a tal ponto que me fez rir. Ele é doido?

MAGALHÃES - Não.

D. LEOCÁDIA - A principio, cuidei que era. Mas o melhor foi quando se serviu o peru. Perguntei-lhe que tal achava o peru. Ficou pálido, deixou cair o garfo, fechou os olhos e não me respondeu. Eu ia chamar a atenção de vocês, quando ele abriu os olhos e disse com voz surda: "D. Leocádia, eu não conheço o Peru.." Eu, espantada, perguntei: "Pois não está comendo?..." "Não falo desta pobre ave; falo-lhe da república".

MAGALHÃES - Pois conhece a república.

D. LEOCÁDIA - Então mentiu.

MAGALHÃES - Não, porque nunca lá foi.

D. LEOCÁDIA *(a D. Adelaide)* - Mau! seu marido parece que também está virando o juízo. *(A Magalhães)* Conhece então o Peru, como vocês estão conhecendo a Grécia... pelos livros.

MAGALHÃES - Também não.

D. LEOCÁDIA - Pelos homens?.

MAGALHÃES - Não, senhora.

D. LEOCÁDIA - Então pelas mulheres?

MAGALHÃES - Nem pelas mulheres.

D. LEOCÁDIA - Por uma mulher?

MAGALHÃES - Por uma mocinha, filha do ministro do Peru em Guatemala. Já contei a historia à Adelaide. *(D. Adelaide senta-se folheando o livro de gravuras).*

D. LEOCÁDIA *(senta-se)* - Ouçamos a história. É curta?

MAGALHÃES - Quatro palavras. Cavalcante estava em comissão do nosso governo e freqüentava o corpo diplomático, onde era muito bem visto. Realmente, não se podia achar criatura mais dada, mais expansiva, mais estimável. Um dia começou a gostar da peruana. A peruana era bela e alta, com uns olhos admiráveis. Cavalcante, dentro de pouco, estava doido por ela, não pensava em mais nada, não falava de outra pessoa. Quando a via ficava estático. Se ela gostava dele, não sei; é certo que o animava e já se falava em casamento. Puro engano! Dolores voltou para o Peru, onde casou com um primo, segundo me escreveu o pai.

D. LEOCÁDIA - Ele ficou desconsolado, naturalmente.

MAGALHÃES - Ah! não me fale! Quis matar-se; pude impedir esse ato de desespero, e o desespero desfez-se em lagrimas. Caiu doente, uma febre que quase o levou. Pediu dispensa da comissão, e, como eu tinha obtido seis meses de licença, voltamos juntos. Não imagina o abatimento em que ficou, a tristeza profunda; chegou a ter as idéias baralhadas. Ainda agora, diz alguns disparates, mas emenda-se logo e ri de si mesmo.

D. LEOCÁDIA - Quer que lhe diga? Já ontem suspeitei que era negócio de amores; achei-lhe um riso amargo... Terá bom coração?

MAGALHÃES - Coração de ouro.

D. LEOCÁDIA - Espírito elevado?

MAGALHÃES - Sim, senhora.

D. LEOCÁDIA - Espírito elevado, coração de ouro, saudades... Está entendido.

MAGALHÃES - Entendido o que?

D. LEOCÁDIA - Vou curar o seu amigo Cavalcante. De que é que vocês se espantam?

D. ADELAIDE - De nada.

MAGALHÃES - De nada, mas...

D. LEOCÁDIA - Mas que?

MAGALHÃES - Parece-me...

D. LEOCÁDIA - Não parece nada; vocês são uns ingratos. Pois se confessam que eu curei o nariz de um e a hipocondria do outro, como é que põem em duvida que eu possa curar a maluquice do Cavalcante? Vou cura-lo. Ele virá hoje?

D. ADELAIDE - Não vem todos os dias; às vezes passa-se uma semana.

MAGALHÃES - Mora perto d'aqui; vou escrever-lhe que venha e, quando chegar, dir-lhe-ei que a senhora é o maior médico do século; cura o moral... Mas, minha tia, devo avisá-la de uma cousa: não lhe fale em casamento.

D. LEOCÁDIA - Oh! não!

MAGALHÃES - Fica furioso quando lhe falam em casamento; responde que só se há de casar com a morte... A senhora exponha-lhe...

D. LEOCÁDIA - Ora, meu sobrinho, vá ensinar o *padre-nosso* ao vigário. Eu sei o que ele precisa, mas quero estudar primeiro o doente e a doença. Já volto.

MAGALHÃES - Nã$_0$ lhe diga que eu é que lhe contei o caso da peruana...

D. LEOCÁDIA - Pois se eu mesma adivinhei que ele sofria do coração. *(Sai; entra Carlota).*

CENA III

Magalhães, D. Adelaide, D. Carlota

D. ADELAIDE - Bravo! está mais corada agora!

D. CARLOTA - Foi do passeio.

D. ADELAIDE - De que é que você gosta mais, da Tijuca ou da cidade?

D. CARLOTA - Eu por mim, ficava metida aqui na Tijuca.

MAGALHÃES - Não creio. Sem bailes? sem teatro lírico?

D. CARLOTA - Os bailes cansam, e não temos agora teatro lírico.

MAGALHÃES - Mas, em suma, aqui ou na cidade, o que é preciso é que você ria; esse ar tristonho faz-lhe a cara feia.

D. CARLOTA - Mas eu rio. Ainda agora não pude deixar de rir, vendo o Dr. Cavalcante.

MAGALHÃES - Por que?

D. CARLOTA - Ele passava ao longe, a cavalo, tão distraído que levava a cabeça caída entre as orelhas do animal; ri da posição, mas lembrei-me que podia cair e ferir-se, e estremeci toda.

MAGALHÃES - Mas não caiu?

D. CARLOTA - Não.

D. ADELAIDE - Titia viu também?

D. CARLOTA - Mamãe ia-me falando da Grécia, do céu da Grécia, dos monumentos da Grécia, do rei da Grécia; toda ela é Grécia, fala como se tivesse estado na Grécia.

D. ADELAIDE - Você quer ir conosco para lá?

D. CARLOTA - Mamãe não há de querer.

D. ADELAIDE - Talvez queira. *(Mostrando-lhe* as *gravuras do livro).* Olhe que bonitas vistas! Isto são ruínas. Aqui está uma cena de costumes. Olhe esta rapariga com um pote...

MAGALHÃES - *(à janela)* - Cavalcante aí vem.

D. CARLOTA - Não quero vê-lo.

D. ADELAIDE - Por que?

D. CARLOTA - Agora que passou o medo, posso rir-me lembrando a figura que ele fazia.

D. ADELAIDE - Eu também vou. *(Saem as duas; Cavalcante aparece à porta. Magalhães deixa a janela).*

CENA IV

Cavalcante, Magalhães

MAGALHÃES - Entra. Como passaste a noite?

CAVALCANTE - Bem. Dei um belo passeio; fui até ao Vaticano e vi o papa. *(Magalhães olha espantado).* Não te assustes, nãoestou doido. Eis o que foi: o meu cavalo ia para um lado e o meu espírito para outro. Eu pensava em fazer-me frade; então todas as minhas idéias vestiram-se de burel, e entrei a ver sobrepelizes e tochas; enfim, cheguei a Roma, apresentei-me à porta do Vaticano e pedi para ver o papa. No momento em que Sua Santidade apareceu, prosternei-me, depois estremeci; despertei e vi que o meu corpo seguira atrás do sonho, e que eu ia quase caindo.

MAGALHÃES - Foi então que a nossa prima Carlota deu contigo ao longe.

CAVALCANTE - Também eu a vi, e de vexado piquei o cavalo.

MAGALHÃES - Mas, então ainda não perdeste essa idéia de ser frade?

CAVALCANTE - Não.

MAGALHÃES - Que paixão romanesca!

CAVALCANTE - Não, Magalhães; reconheço agora o que vale o mundo com as suas perfídias e tempestades. Quero achar um abrigo contra elas; esse abrigo é o claustro. Não sairei nunca da minha cela e buscarei esquecer diante do altar...

MAGALHÃES - Olha que vais cair do cavalo!

CAVALCANTE - Não te rias, meu amigo! MAGALHÃES - Não; quero só acordar-te. Realmente, estás ficando maluco. Nãopenses mais em semelhante moça. Há no mundo milhares e milhares de moças iguais à bela Dolores.

CAVALCANTE - Milhares e milhares? Mais uma razão para que eu me esconda em um convento. Mas é engano: há só uma, e basta.

MAGALHÃES - Bem; não há remédio senão entregar-te à minha tia.

CAVALCANTE - À tua tia?

MAGALHÃES - Minha tia crê que tu deves padecer de alguma doença moral - e adivinhou - e fala de curar-te. Não sei se sabes que ela vive na persuasão de que cura todas as enfermidades morais.

CAVALCANTE - Oh! eu sou incurável!

MAGALHÃES - Por isso mesmo deves sujeitar-te aos seus remédios. Se te não curar, dar-te-ia alguma distração, e é o queeu quero. *(Abre a charuteira que está vazia).* Olha, espera aqui, lê algum livro; eu vou buscar charutos. *(Sai; Cavalcante pega num livro e senta-se).*

CENA V

Cavalcante, D. Carlota, *aparecendo ao fundo.*

D. CARLOTA - Primo... *(Vendo Cavalcante)* Ah! perdão!

CAVALCANTE *(erguendo-se)* - Perdão de que!

D. CARLOTA - Cuidei que meu primo estava aqui; vim buscar um livro de gravuras de prima Adelaide; está aqui...

CAVALCANTE - A senhora viu-me passar a cavalo, há uma hora, numa posição incômoda e inexplicável.

D. CARLOTA - Perdão, mas...

CAVALCANTE - Quero dizer que eu levava na cabeça uma idéia séria, um negócio grave.

D. CARLOTA - Creio.

CAVALCANTE - Deus queira que nunca possa entender o que era! Basta crer. Foi a distração que me deu aquela postura inexplicável. Na minha família quase todos são distraídos. Um dos meus tios morreu na guerra do Paraguai por causa de uma distração; era capitão de engenharia.

D. CARLOTA *(perturbada)* - Oh! não me fale!

CAVALCANTE - Por que? Não pode tê-lo conhecido.

D. CARLOTA - Não, senhor; desculpe-me, sou um pouco tonta. Vou levar o livro à minha prima.

CAVALCANTE - Peço-lhe perdão, mas...

D. CARLOTA - Passe bem. *(Vai à porta).*

CAVALCANTE - Mas, eu desejava saber...

D. CARLOTA - Não, não, perdoe-me. *(Sai.).*

CENA VI

CAVALCANTE *(só)* - Não compreendo: não sei se a ofendi. Falei no tio João Pedro, que morreu no Paraguai, antes dela nascer...

CENA VII

Cavalcante, D. Leocádia

D. LEOCÁDIA *(ao fundo, à parte)* Está pensando *(Desce).* Bom dia, Dr. Cavalcante!

CAVALCANTE - Como passou, minha senhora?

D. LEOCÁDIA - Bem, obrigada. Então meu sobrinho deixou-o aqui só?

CAVALCANTE - Foi buscar charutos, já volta.

D. LEOCÁDIA - Os senhores são muito amigos.

CAVALCANTE Somos como dois irmãos.

D. LEOCÁDIA - Magalhães é um coração de ouro e o senhor parece-me outro. Acho-lhe só um defeito, doutor... Desculpe-me esta franqueza de velha; acho que o senhor fala trocado.

CAVALCANTE - Disse-lhe ontem algumas tolices, não?

D. LEOCÁDIA - Tolices, é muito; umas palavras sem sentido.

CAVALCANTE - Sem sentido, insensatas, vem a dar no mesmo.

D. LEOCÁDIA *(pegando-lhe* nas *mãos)* -Olhe bem para mim. *(Pausa).* Suspire. *(Cavalcante suspira).* O senhor está doente: não negue que está doente - moralmente, entenda-se; não negue! *(Solta-lhe as mãos).*

CAVALCANTE - Negar seria mentir. Sim, minha senhora, confesso que tive um grandíssimo desgosto

D. LEOCÁDIA - Jogo de praça?

CAVALCANTE - Não, senhora.

D. LEOCÁDIA - Ambições políticas mal-logradas?

CAVALCANTE - Não conheço política.

D. LEOCÁDIA - Algum livro mal recebido pela imprensa?

CAVALCANTE - Só escrevo cartas particulares.

D. LEOCÁDIA - Não atino. Diga francamente; eu sou médico de enfermidades morais e posso curá-lo. Ao médico diz-se tudo. Ande, fale, conte-me tudo, tudo, tudo. Não se trata de amores?...

CAVALCANTE *(suspirando)* - Trata-se justamente de amores.

D. LEOCÁDIA - Paixão grande?

CAVALCANTE - Oh! imensa!

D. LEOCÁDIA - Não quero saber o nome da pessoa, não é preciso. Naturalmente bonita?

CAVALCANTE - Como um anjo!

D. LEOCÁDIA. - O coração também era de anjo?

CAVALCANTE - Pode ser, mas de anjo mau.

D. LEOCÁDIA - Uma ingrata...

CAVALCANTE - Uma perversa!

D. LEOCÁDIA - Diabólica...

CAVALCANTE - Sem entranhas!

D. LEOCÁDIA - Vê que estou adivinhando. Console-se; uma crIatura dessas não acha casamento.

CAVALCANTE - Já achou!

D. LEOCÁDIA - Já?

CAVALCANTE - Casou, minha senhora; teve a crueldade de casar com um primo.

D. LEOCÁDIA - Os primos quase que não nascem para outra cousa. Diga-me, não procurou esquecer o mal nas folias próprias de rapazes?

CAVALCANTE - Oh! não! Meu único prazer é pensar nela.

D. LEOCÁDIA - Desgraçado! Assim nunca há de sarar.

CAVALCANTE - Vou tratar de esquecê-la.

D. LEOCÁDIA - De que modo?

CAVALCANTE - De um modo velho, alguns dizem que já obsoleto e arcaico. Penso em fazer-me frade. Há de haver em algum recanto do mundo um claustro em que não penetre sol nem lua.

D. LEOCÁDIA - Que ilusão! Lá mesmo achará a sua namorada. Há de vê-la

nas paredes da cela, no teto, no chão, nas folhas do breviário. O silêncio far-se-á boca da moça, a solidão será o seu corpo.

CAVALCANTE - Então estou perdido. Onde acharei paz e esquecimento?

D. LEOCÁDIA - Pode ser frade sem ficar no convento. No seu caso o remédio naturalmente indicado é ir pregar... na China, por exemplo. Vá pregar aos infiéis na China. Paredes de convento são mais perigosas que olhos de chinesas. Ande, vá pregar na China. No fim de dez anos está curado. Volte, meta-se no convento e não achará lá o diabo.

CAVALCANTE - Está certa que na China...

D. LEOCÁDIA - Certíssima.

CAVALCANTE - O seu remédio é muito amargo! Por que é que me não manda antes para o Egito? Também é país de infiéis.

D. LEOCÁDIA - Não serve; é a terra daquela rainha... Como se chama?

CAVALCANTE - Cleópatra? Morreu há tantos séculos!

D. LEOCÁDIA - Meu marido disse que era uma desmiolada.

CAVALCANTE - Seu marido era, talvez, um erudito. Minha senhora, não se aprende amor nos livros velhos, mas nos olhos bonitos; por adorava a V. Excia.

D. LEOCÁDIA - Ah! ah! Já o doente começa a adular o médico. Não, senhor, há de ir á China. Lá há mais livros velhos que olhos bonitos. Ou não tem confiança em mim?

CAVALCANTE - Oh! tenho; tenho. Mas ao doente é permitido fazer uma careta antes de engolir a pílula. Obedeço; vou para a China. Dez anos, não?

D. LEOCÁDIA *(levanta-se)* - Dez ou quinze, se quiser; mas antes dos quinze está curado.

CAVALCANTE - Vou.

D. LEOCÁDIA - Muito bem. A sua doença é tal que só com remédios fortes. Vá; dez anos passam depressa.

CAVALCANTE - Obrigado, minha senhora.

D. LEOCÁDIA - Até logo.

CAVALCANTE - Não, minha senhora, vou já.

D. LEOCÁDIA - Já para a China!

CAVALCANTE - Vou arranjar as malas e amanhã embarco para a Europa; vou a Roma, depois sigo imediatamente para aChina.. Até d'aqui a dez anos. (*Estende-lhe a mão).*

D. LEOCÁDIA - Fique ainda uns dias...

CAVALCANTE - Não posso.

D. LEOCÁDIA - Gosto de ver essa pressa; mas, enfim, pode esperar ainda uma semana.

CAVALCANTE - Não, não devo esperar. Quero ir ás pílulas quanto antes; é preciso obedecer religiosamente ao médico.

D. LEOCÁDIA - Como eu gosto de ver um doente assim! O senhor tem fé no médico. O pior é que daqui a pouco, talvez, não se lembre dele.

CAVALCANTE - Oh! não! Hei de lembrar-me sempre, sempre!

D. LEOCÁDIA - No fim de dois anos escreva-me; informe-me sobre o seu estado e talvez eu o faça voltar. Mas, não minta, olhe lá; se já tiver esquecido a namorada, consentirei que volte.

CAVALCANTE - Obrigado. Vou ter com seu sobrinho e depois vou arranjar as malas.

D. LEOCÁDIA - Então não volta mais a esta casa?

CAVALCANTE - Virei daqui a pouco, uma visita de dez minutos, e depois desço, vou tomar passagem no paquete de amanhã.

D. LEOCÁDIA - Jante, ao menos, conosco.

CAVALCANTE - Janto na cidade.

D. LEOCÁDIA - Bem, adeus; guardemos o nosso segredo. Adeus, Dr. Cavalcante. Creia-me: o senhor merece estar doente. Há pessoas que adoecem sem merecimento nenhum; ao contrário, não merecem outra coisa mais que uma saúde de ferro. O senhor nasceu para adoecer; que obediência ao médico! que facilidade em engolir todas as nossas pílulas! Adeus!

CAVALCANTE - Adeus, D. Leocádia. *(Sai pelo fundo).*

CENA VIII

D. Leocádia, D. Adelaide

D. LEOCÁDIA - Com dois anos de China está curado. *(Vendo entrar Adelaide).* O Dr. Cavalcante saiu agora mesmo. Ouviste o meu exame médico?

D. ADELAIDE - Não. Que lhe pareceu?

D. LEOCÁDIA - Cura-se.

D. ADELAIDE - De que modo?

D. LEOCÁDIA - Não posso dizer; é segredo profissional.

D. ADELAIDE - Em quantas semanas fica bom?

D. LEOCÁDIA - Em dez anos.

D. ADELAIDE - Misericórdia! Dez anos!

D. LEOCÁDIA - Talvez dois; é moço, e robusto, a natureza ajudará a medicina, conquanto esteja muito atacado. Aí vem teu marido.

CENA IX

Os mesmos, Magalhães.

MAGALHÃES *(a D. Leocádia)* - Cavalcante disse-me que vai embora ; eu vim correndo saber o que é que lhe receitou.

D. LEOCÁDIA - Receitei-lhe um remédio enérgico, mas que há de salva-lo. Não são consolações de cacaracá. Coitado! Sofre muito, está gravemente doente; mas, descansem, meus filhos, juro-lhes, á fé do meu grau, que hei de curá-lo. Tudo é que me obedeça, e este obedece. Oh! aquele crê em mim. E vocês, meus filhos? Como vão os meus doentezinhos? Não é verdade que estão curados? *(Sai pelo fundo).*

CENA X

Magalhães, D. Adelaide

MAGALHÃES - Tinha vontade de saber

o que é que ela lhe receitou.

D. ADELAIDE - Não falemos disso.

MAGALHÃES - Sabes o que foi?

D. ADELAIDE - Não; mas titia disse-me que a cura se fará em dez anos. *(Espanto de Magalhães). Sim,* dez anos; talvez dois, mas a cura certa é em dez anos.

MAGALHÃES *(atordoado)* - Dez anos !

D. ADELAIDE - Ou dois!

MAGALHÃES - Ou dois?

D. ADELAIDE - Ou dez.

MAGALHÃES - Dez anos! Mas é impossível! Quis brincar contigo. Ninguém leva dez anos a sarar; ou sara antes ou morre.

D. ADELAIDE - Talvez ela pense que a melhor cura é a morte.

MAGALHÃES - Talvez. Dez anos!

D. ADELAIDE - Ou dois; não esqueças.

MAGALHÃES - Sim, ou dois; dois anos é muito, mas, há casos... Vou ter com ele.

D. ADELAIDE - Se titia quis enganar a gente, não é bom que os estranhos saibam. Vamos falar com ela, talvez que, pedindo muito, ela diga a verdade. Nã$_0$ leves essa cara assustada; é preciso falar-lhe naturalmente, com indiferença.

MAGALHÃES - Pois vamos.

D. ADELAIDE - Pensando bem, é melhor que eu vá só; entre mulheres...

MAGALHÃES - Não; ela continuará a zombar de ti; vamos juntos, estou sobre brasas.

D. ADELAIDE - Vamos.

MAGALHÃES - Dez anos!

D. ADELAIDE - Ou dois. *(Saem pelo fundo).*

CENA XI

D. CARLOTA *(entrando pela direita)* -Ninguém! Afinal foram-se! Esta casa anda hoje cheia de mistérios. Há um quarto de hora quis vir aqui, e prima Adelaide disse-me que não, que se tratavam aqui negócios graves. Pouco depois levantou-se e saiu; mas antes disso contou-me que mamãe é que quer que eu vá para a Grécia. A verdade é que todos me falam de Atenas, de ruínas, de danças gregas, de Acrópole... Creio que é Acrópole que se diz. *(Pega no livro que Magalhães estivera lendo, senta-se, abre e lê).* "Entre *os* provérbios gregos, há um muito fino: Não consultes medico; consulta alguém que tenha estado doente". Não sei que possa ser. *(Continua a ler em voz baixa).*

CENA XII

D. Carlota, Cavalcante

CAVALCANTE *(ao fundo)* - D. Leocádia! *(Entra e fala de longe a Carlota, que está de costas).* Quando eu ia a sair, lembrei-me.

D. CARLOTA - Quem é? *(Levanta-se).* Ah! Doutor!

CAVALCANTE - Desculpe-me, vinha falar á senhora sua mãe para lhe pedir um favor.

D. CARLOTA - Vou chamá-la.

CAVALCANTE - Não se incomode; falar-lhe-ei logo. Saberá por acaso se a senhora sua mãe conhece algum cardeal em Roma?

D. CARLOTA - Não sei, não, senhor.

CAVALCANTE - Queria pedir-lhe uma carta de apresentação; voltarei mais tarde. *(Corteja, sai e para).* Ah! aproveito a ocasião para lhe perguntar, ainda uma vez, em que é que a ofendi?

D. CARLOTA - O senhor nunca me ofendeu.

CAVALCANTE - Certamente que não; mas ainda ha pouco, falando-lhe de um tio meu, que morreu no Paraguai, tio João Pedro, capitão de engenharia...

D. CARLOTA *(atalhando)* - Por que é que o senhor quer ser apresentado a um cardeal?

CAVALCANTE - Bem respondido! Confesso que fui indiscreto com a minha pergunta. Já há de saber que eu tenho distrações repentinas, e quando não caio no ridículo, como hoje de manhã, caio na indiscrição. São segredos mais graves que os seus. É feliz, é bonita, pode contar com o futuro, enquanto que eu... Mas eu não quero aborrece-la. O meu caso há de andar em romances. *(Indicando o livro que ela tem na mão).*

D. CARLOTA - Não é romance *(Dá-lhe o livro).*

CAVALCANTE - Não? *(Lê o titulo).* Como? Está estudando a Grécia?

D. CARLOTA - Estou.

CAVALCANTE - Vai para lá?

D. CARLOTA - Vou, com prima Adelaide.

CAVALCANTE - Viagem de recreio, ou vai tratar-se?

D. CARLOTA - Deixe-me ir chamar mamãe.

CAVALCANTE - Perdoe-me ainda uma vez; fui indiscreto, retiro-me. *(Dá alguns passos para sair).*

D. CARLOTA - Doutor! *(Cavalcante pára).* Não se zangue comigo; sou um pouco tonta, o senhor é bom.

CAVALCANTE *(descendo)* - Não diga que sou bom; os infelizes são apenas infelizes. A bondade é toda sua. Há poucos dias que nos conhecemos e já nos zangamos, por minha causa. Não proteste; a causa é a minha moléstia.

D. CARLOTA - O senhor está doente?

CAVALCANTE - Mortalmente.

D. CARLOTA - Não diga isso!

CAVALCANTE - Ou gravemente, se prefere.

D. CARLOTA - Ainda é muito. E que moléstia é?

CAVALCANTE Quanto ao nome, não há acordo: loucura, espírito romanesco e muitos outros. Alguns dizem que é amor. Olhe, está outra vez aborrecida comigo!

D. CARLOTA Oh! não, não, não. *(Procurando rir).* É o contrario; estou até muito alegre. Diz-me então que está doente, louco...

CAVALCANTE - Louco de amor, é o que alguns dizem. Os autores divergem. Eu prefiro amor, por ser mais bonito, mas a moléstia, qualquer que seja a causa, é cruel e terrível. Não pode compreender este *imbroglio;* peça a Deus que a conserve nessa boa e feliz ignorância. Por que é que me está olhando assim? Quer talvez saber...

D. CARLOTA - Não, não quero saber nada.

CAVALCANTE - Não é crime ser curiosa.

D. CARLOTA - Seja ou não loucura, não quero ouvir histórias como a sua.

CAVALCANTE - Já sabe qual é?

D. CARLOTA - Não.

CAVALCANTE - Não tenho direito de interroga-la; mas há já dez minutos que estamos neste gabinete falando de coisas bem esquisitas para duas pessoas que apenas se conhecem.

D. CARLOTA *(estendendo-lhe* a *mão)* -Até logo.

CAVALCANTE - A sua mão está fria. Não se vá ainda embora; hão de achá-la agitada. Sossegue um pouco, sente-se. *(Carlota senta-se).* Eu retiro-me.

D. CARLOTA - Passe bem.

CAVALCANTE - Até logo.

D. CARLOTA - Volta logo?

CAVALCANTE - Não, não volto mais; queria enganá-la.

D. CARLOTA - Enganar-me por que?

CAVALCANTE - Porque já fui enganado uma vez. Ouça-me: são duas palavras. Eu gostava muito de uma moça que tinha a sua beleza, e ela casou com outro. Eis a minha moléstia.

D. CARLOTA *(erguendo-se)* - Como assim?

CAVALCANTE - É verdade; casou com outro.

D. CARLOTA *(indignada)* - Que ação vil!

CAVALCANTE - Não acha?

D. CARLOTA - E ela gostava do senhor?

CAVALCANTE - Aparentemente; mas, depois vi que eu não era mais que um passatempo.

D. CARLOTA *(animando-se aos poucos)* - Um passatempo! Fazia-lhe juramentos, dizia-lhe que o senhor era a sua única ambição, o seu verdadeiro Deus, parecia orgulhosa em contempla-lo por horas infinitas, dizia-lhe tudo, tudo, umas coisas que pareciam cair do céu, e suspirava...

CAVALCANTE - Sim, suspirava, mas...

D. CARLOTA *(muito animada)* - Um dia abandonou-o, sem uma só palavra de saudade nem de consolação, fugiu e foi casar com uma viúva espanhola!

CAVALCANTE *(espantado)* - Uma viúva espanhola!

D. CARLOTA - Ah! tem muita razão em estar doente!

CAVALCANTE - Mas que viúva espanhola é essa de que me fala?

D. CARLOTA *(caindo em si)* - Eu falei-lhe de uma viúva espanhola?

CAVALCANTE - Falou.

D. CARLOTA - Foi engano... Adeus, Sr. doutor.

CAVALCANTE - Espere um instante. Creio que me compreendeu. Falou com tal paixão que os médicos não têm. Oh! como eu execro os médicos! principalmente os que me mandam para a China.

D. CARLOTA - O senhor vai para a China?

CAVALCANTE - Vou; mas não diga nada! Foi sua mãe que me deu essa receita.

D. CARLOTA - A China é muito longe!

CAVALCANTE - Creio até que está fora do mundo.

D. CARLOTA - Tã$_0$ longe por que?

CAVALCANTE - Boa palavra essa. Sim, porque ir á China, se a gente pode sarar na Grécia? Dizem que a Grécia é muito eficaz para estas feridas; há quem afirme que não há melhor para as que são feitas pelos capitães de engenharia. Quanto tempo vai lá passar?

D. CARLOTA - Não sei. Um ano, talvez.

CAVALCANTE - Crê que eu possa sarar num ano?

D. CARLOTA - É possível.

CAVALCANTE - Talvez sejam precisos dois - dois ou três.

D. CARLOTA - Ou três.

CAVALCANTE - Quatro, cinco...

D. CARLOTA - Cinco, seis...

CAVALCANTE - Depende menos do país que da doença.

D. CARLOTA - Ou do doente.

CAVALCANTE - Ou do doente. Já a passagem do mar pode ser que me faça bem. A minha moléstia casou com um primo. A sua (perdoe esta outra indiscrição; é a última), a sua casou com a viúva espanhola. As espanholas, mormente viúvas, são detestáveis. Mas, diga-me uma coisa: se uma pessoa já está curada, que é que vai fazer à Grécia!

D. CARLOTA - Convalescer, naturalmente. O senhor, como ainda está doente, vai para a China.

CAVALCANTE - Tem razão. Entretanto, começo a ter medo de morrer... Pensou alguma vez na morte?

D. CARLOTA - Pensa-se nela, mas lá vem um dia em que a gente aceita a vida, seja como for.

CAVALCANTE - Vejo que sabe muita coisa..

D. CARLOTA - Não sei nada; sou uma tagarela, que o senhor obrigou a dar por paus e por pedras; mas, como é a última vez que nos vemos, não importa. Agora, passe bem.

CAVALCANTE - Adeus, D. Carlota!

D. CARLOTA - Adeus, doutor!

CAVALCANTE - Adeus. *(Dá um passo para a porta do fundo).* Talvez eu vá a Atenas; não fuja se me vir vestido de frade.

D. CARLOTA *(indo a ele)* - De frade? O senhor vai ser frade?

CAVALCANTE - Frade. Sua mãe aprova-me, contanto que eu vá à China. Parece-lhe que devo obedecer a esta vocação, ainda depois de perdida?

D. CARLOTA - É difícil obedecer a uma vocação perdida.

CAVALCANTE - Talvez nem a tivesse, e ninguém se deu ao trabalho de me dissuadir. Foi aqui, a seu lado, que comecei a mudar. A sua voz sai de um coração que padeceu também, e sabe falar a quem padece. Olhe, julgue-me doido, se quiser, mas eu vou pedir-lhe um favor: conceda-me que a ame. *(Carlota, perturbada, volta o rosto).* Não lhe peço que me ame, mas que se deixe amar; é um modo de ser grato. Se fosse uma santa, não podia impedir que lhe acendesse uma vela.

D. CARLOTA - Não falemos mais nisto e separemo-nos.

CAVALCANTE - A sua voz treme; olhe para mim...

D. CARLOTA - Adeus; aí vem mamãe.

CENA XIII

Os mesmos, D. Leocádia

D. LEOCÁDIA - Que é isto, doutor? Então o senhor quer só um ano de China? Vieram pedir-me que reduzisse a sua ausência.

CAVALCANTE - D. Carlota lhe dirá o que eu desejo.

D. CARLOTA - O doutor vem saber se mamãe conhece algum cardeal em Roma.

CAVALCANTE - A princípio era um cardeal; agora basta um vigário.

D. LEOCÁDIA - Um vigário? Para que?

CAVALCANTE - Não posso dizer.

D. LEOCÁDIA *(a Carlota)* - Deixa-nos sós, Carlota; o doutor quer fazer-me uma confidência.

CAVALCANTE - Não, não, ao contrário. D. Carlota pode ficar. O que eu quero dizer é que um vigário basta para casar.

D. LEOCÁDIA - Casar a quem?

CAVALCANTE - Não é já, falta-me ainda a noiva.

D. LEOCÁDIA - Mas quem é que me está falando?

CAVALCANTE - Sou eu, D. Leocádia.

D. LEOCÁDIA - O senhor! o senhor! o senhor!

CAVALCANTE - Eu mesmo. Pedi licença a alguém...

D. LEOCÁDIA - Para casar?

CENA XIV

Os mesmos, Magalhães, D. Adelaide

MAGALHÃES - Consentiu, titia?

D. LEOCÁDIA - Em reduzir a China a ano? Mas ele agora quer a vida inteira.

MAGALHÃES - Estás doido?

D. LEOCÁDIA - Sim, a vida inteira, mas é para casar. *(D. Carlota fala baixo a D. Adelaide).* Você entende, Magalhães?

CAVALCANTE - Eu, que devia entender, não entendo.

D. ADELAIDE *(que ouviu D. Carlota)* - Entendo eu. O Dr. Cavalcante contou as suas tristezas a Carlota, e Carlota, meia curada do seu próprio mal, expôs sem querer o que tinha sentido. Entenderam-se e casam-se.

D. LEOCÁDIA *(a Carlota)* - Deveras? *(D. Carlota baixa os olhos).* Bem; como é para saúde dos dois, concedo; são mais duas curas!

MAGALHÃES - Perdão; estas fizeram-se pela receita de um provérbio grego que está aqui neste livro. *(Abre o livro)* "Nãoconsultes médico; consulta alguém que tenha estado doente".

(Cai o pano)

O CAMINHO DA PORTA

Comédia em um ato

Representada pela primeira vez no Ateneu Dramático

em setembro de 1862.

PERSONAGENS

Dr. Cornélio - Sr. Cardoso

Valentim - Sr. Pimentel

Inocêncio - Sr. Martins

Carlota - Sra. D. Maria Fernanda

EM CASA DE CARLOTA

ATO ÚNICO

Sala elegante. - Duas portas no fundo, portas laterais, consolos, piano, divã, poltronas, cadeiras, mesa, tapete, espelhos, quadros; figuras sobre os consolos; álbum, alguns livros, lápis, etc., sobre a mesa.

CENA I

Valentim, assentado à E., o Doutor, entrando

VALENTIM - Ah! és tu?

DOUTOR - Oh! Hoje é o dia das surpresas. Acordo, leio os jornais e vejo anunciado para hoje o *Trovador*. Primeira surpresa. Lembro-me de passar por aqui para saber se D. Carlota queria ir ouvir a ópera de Verdi, e vinha pensando na triste figura que devia fazer em casa de uma moça do tom, às 10 horas da manhã, quando te encontro firme como uma sentinela no posto. Duas surpresas.

VALENTIM - A triste figura sou eu?

DOUTOR - Acertaste. Lúcido como uma sibila. Fazes uma triste figura, não to devo ocultar.

VALENTIM *(irônico)* - Ah!

DOUTOR - Tens ar de não dar credito ao que digo! Pois olha, tens diante de ti a verdade em pessoa, com a diferença de não sair de um poço, mas da cama e de vir em traje menos primitivo. Quanto ao espelho, se o não trago comigo, há nesta sala um que nos serve com a mesma sinceridade. Mira-te ali. Estás ou não uma triste figura?

VALENTIM - Não me aborreças.

DOUTOR - Confessas então?

VALENTIM - És divertido como os teus protestos de virtuoso! Aposto que me queres fazer crer no desinteresse das tuas visitas a D. Carlota?

DOUTOR - Não.

VALENTIM - Ah!

DOUTOR - Sou hoje mais assíduo do que era há um mês, e a razão é que há um mês que começaste a fazer-lhe a corte.

VALENTIM - Já sei: não me queres. perder de vista.

DOUTOR - Presumido! Eu sou lá inspetor dessas coisas? Ou antes, sou: mas o sentimento que me leva a estar presente a essa batalha pausada e paciente está muito longe do que pensas; estudo o amor.

VALENTIM - Somos então os teus compêndios?

DOUTOR - É verdade.

VALENTIM - E o que tens aprendido?

DOUTOR - Descobri que o amor é uma pescaria...

VALENTIM - Queres saber de uma coisa? Estás prosaico como os teus libelos.

DOUTOR - Descobri que o amor é uma

pescaria...

VALENTIM - Vai-te com os diabos!

DOUTOR - Descobri que o amor é uma pescaria. O pescador senta-se sobre um penedo, à beira do mar. Tem ao lado umacesta com iscas; vai pondo uma por uma no anzol e atira às águas a pérfida linha. Assim gasta horas e dias até que o descuidado filho das águas agarra no anzol, ou não agarra e...

VALENTIM - És um tolo.

DOUTOR - Não contesto; pelo interesse

que tomo por ti. Realmente doe-me ver-te tantos dias exposto ao sol, sobre o penedo, com o caniço na mão, a gastar as tuas iscas e a tua saúde, quero dizer a tua honra.

VALENTIM - A minha honra?

DOUTOR - A tua honra, sim. Pois para homem de senso e um tanto sério o ridículo não é uma desonra? Tu estás ridículo. Não há dia em que não venhas gastar três, quatro, cinco horas a cercar esta viúva de galanteios e atenções, acreditando talvez ter adiantado muito, mas estando ainda hoje como quando começastes. Olha, há Penélopes da virtude e Penélopes do galanteio. Umas fazem e desmancham teias por terem muito juízo; outras as fazem e desmancham por não terem nenhum.

VALENTIM - Não deixas de ter uma tal ou qual razão.

DOUTOR - Ora, graças a Deus!

VALENTIM - Devo, porém, prevenir-te de uma coisa: é que ponho nesta conquista a minha honra. Jurei aos meus deuses casar-me com ela e hei de manter o meu juramento.

DOUTOR - Virtuoso Romano!

VALENTIM - Faço o papel de Síssifo. Rolo a minha pedra pela montanha; quase a chegar com ela ao cimo, uma mão invisível fá-la despenhar de novo, e ali volto a repetir o mesmo trabalho. Se isto é um fortúnio, não deixa de ser uma virtude.

DOUTOR - A virtude da paciência. Empregavas melhor essa virtude em fazer palitos do que em fazer a roda a esta namoradeira. Sabes o que aconteceu aos companheiros de Ulisses passando pela ilha de Circe? Ficaram transformados em porcos. Melhor sorte teve Ateon que, por espreitar Diana no banho, passou de homem a veado. Prova evidente de que é melhor pilhá-las no banho do que andar-lhes à roda nos tapetes da sala.

VALENTIM - Passas de prosaico a cínico.

DOUTOR - É uma modificação. Tu estás sempre o mesmo: ridículo.

CENA II

Os mesmos, Inocêncio trazido por um criado

INOCÊNCIO - Oh!

DOUTOR *(baixo a Valentim)* - Chega o teu competidor.

VALENTIM *(baixo)* - Não me vexes.

INOCÊNCIO - Meus senhores! Já por cá? Madrugaram hoje!

DOUTOR - É verdade. E V. S.?

INOCÊNCIO - Como está vendo. Levanto-me sempre com o sol.

DOUTOR - Se V. S. é outro.

INOCÊNCIO *(não compreendendo)* -Outro que? Ah outro sol! Este doutor tem umas expressões tão... fora do vulgar! Ora veja, a mim ainda ninguém se lembrou de dizer isto. Sr. Doutor, V. S. há de tratar de um negócio que trago pendente no foro. Quem fala assim é capaz de seduzir a própria lei!

DOUTOR - Obrigado!

INOCÊNCIO - Onde está a encantadora D. Carlota? Trago-lhe este ramalhete que eu próprio colhi e arranjei. Olhem como estas flores estão bem combinadas: rosas, paixão; açucenas, candura. Que tal?

DOUTOR - Engenhoso!

INOCÊNCIO *(dando-lhe o braço)* - Agora ouça, Sr. Doutor. Decorei umas quatro palavras para dizer ao entregar-lhe estas flores. Veja se condizem com o assunto.

DOUTOR - Sou todo ouvidos.

INOCÊNCIO - "Estas flores são um presente que a primavera faz à sua irmã por intermédio do mais ardente admirador de ambas". Que tal?

DOUTOR - Sublime! *(Inocêncio ri-se à socapa).* Não é da mesma opinião?

INOCÊNCIO - Pudera não ser sublime; se eu próprio copiei isto de um *Secretário dos Amantes!*

DOUTOR - Ah!

VALENTIM *(baixo ao Doutor)* - Gabo-te a paciência!

DOUTOR *(dando-lhe o braço)* - Pois que tem! É miraculosamente tolo. Não é da mesma espécie que tu...

VALENTIM - Cornélio!

DOUTOR - Descansa; é de outra muito pior.

CENA III

Os mesmos, Carlota

CARLOTA - Perdão, meus senhores, de os haver feito esperar... *(Distribui apertos de mão).*

VALENTIM - Nós é que lhe pedimos desculpa de havermos madrugado deste modo...

DOUTOR - A mim, traz-me um motivo justificável.

CARLOTA *(rindo)* - Ver-me? *(Vai sentar-se).*

DOUTOR - Não.

CARLOTA - Não é um motivo justificável, esse?

DOUTOR - Sem duvida; incomodá-a é que o não é. Ah! minha senhora, eu aprecio mais do que nenhum outro o despeito que deve causar a uma moça uma interrupção no serviço da *toilette.* Creio que é coisa tão séria como uma quebra de relações diplomáticas.

CARLOTA - O Sr. Doutor graceja e exagera. Mas qual é esse motivo que justifica a sua entrada em minha casa a esta hora?

DOUTOR - Venho receber as suas ordens acerca da representação desta noite.

CARLOTA - Que representação?

DOUTOR - Canta-se o *Trovador*.

INOCÊNCIO - Bonita peça!

DOUTOR - Não pensa que deve ir?

CARLOTA - Sim, e agradeço-lhe a sua amável lembrança. Já sei que vem oferecer-me o seu camarote. Olhe, há de desculpar-me este descuido, mas prometo que vou quanto antes tomar uma assinatura.

INOCÊNCIO *(a Valentim)* - Ando desconfiado do Doutor!

VALENTIM - Por que?

INOCÊNCIO - Veja como ela o trata! Mas eu vou desbancá-lo com a minha frase do *Secretário dos Amantes... (Indo a Carlota)*Minha senhora, estas flores são um presente que a primavera faz a sua irmã...

DOUTOR *(completando a frase)* - Por intermédio do mais ardente admirador de ambas.

INOCÊNCIO - Sr. Doutor!

CARLOTA - O que é?

INOCÊNCIO *(baixo)* - Isto não se faz! *(A Carlota)* Aqui tem, minha senhora...

CARLOTA - Agradecida. Por que se retirou ontem tão cedo? Não lho quis perguntar... de boca; mas creio que o interroguei com o olhar.

INOCÊNCIO *(no cúmulo da satisfação)* - De boca?... Com o olhar?... Ah! queira perdoar, minha senhora... mas um motivo imperioso...

DOUTOR - Imperioso... não é delicado.

CARLOTA - Não exijo saber o motivo; supus que se houvesse passado alguma coisa que o desgostasse...

INOCÊNCIO - Qual, minha senhora; o que se poderia passar? Não estava eu diante de V. Excia. para consolar-me com seus olhares de algum desgosto que houvesse? E não houve nenhum.

CARLOTA *(ergue-se e bate-lhe com o leque no ombro)* Lisonjeiro!

DOUTOR *(descendo entre ambos)* - V. Excia. há de desculpar-me se interrompo uma espécie de idílio com uma coisa prosaica, ou antes com outro idílio, de outro gênero, um idílio do estômago: o almoço...

CARLOTA - Almoça conosco?

DOUTOR - Oh! minha senhora, não seria capaz de interrompê-la; peço simplesmente licença para ir almoçar com um desembargador da relação a quem tenho de prestar umas informações.

CARLOTA - Sinto que na minha perda ganhe um desembargador; não sabe como odeio a toda essa gente do foro; faço apenas uma exceção.

DOUTOR - Sou eu.

CARLOTA *(sorrindo)* - É verdade. Donde concluiu?

DOUTOR - Estou presente!

CARLOTA - Maldoso!

DOUTOR - Fica, não, Sr. Inocêncio?

INOCÊNCIO - Vou. *(Baixo ao Doutor)* Estalo de felicidade!

DOUTOR - Até logo!

INOCÊNCIO - Minha senhora!

CENA IV

Carlota, Valentim

CARLOTA - Ficou?

VALENTIM *(indo buscar o chapéu)* - Se a incomodo...

CARLOTA - Não. Dá-me prazer até. Ora, por que há de ser tão suscetível a respeito de tudo o que lhe digo?

VALENTIM - É muita bondade. Como não quer que seja suscetível? Só depois de estarmos a sós é que V. Excia. se lembra de mim. Para um velho gaiteiro acha V. Excia. palavras cheias de bondade e sorrisos cheios de doçura.

CARLOTA - Deu-lhe agora essa doença? *(Vai sentar-se junto à mesa).*

VALENTIM *(senta-se junto à mesa defronte de Carlota)* - Oh! não zombe, minha senhora! Estou certo de que os mártires romanos prefeririam a morte rápida à luta com as feras do circo. O seu sarcasmo é uma fera indomável; V. Excia. tem certeza disso e não deixa de lançá-lo em cima de mim.

CARLOTA - Então sou temível? Confesso que ainda agora o sei. *(Uma pausa).* Em que cisma?

VALENTIM - Eu?... em nada!

CARLOTA - Interessante colóquio!

VALENTIM - Devo crer que não faço uma figura nobre e séria. Mas não me importa isso! A seu lado eu afronto todos os sarcasmos do mundo. Olhe, eu nem sei o que penso, nem sei o que digo. Ridículo que pareça, sinto-me tão elevado o espírito que chego a supor em mim algum daqueles toques divinos com que a mão dos deuses elevava os mortais e lhes inspirava forças e virtudes fora do comum.

CARLOTA - Sou eu a deusa.

VALENTIM - Deusa, como ninguém sonhara nunca; com a graça de Vênus e a majestade de Juno. Sei eu mesmo defini-la?Posso eu dizer em língua humana o que é esta reunião de atrativos únicos feitos pela mão da natureza como uma prova suprema do seu poder? Dou-me por fraco, certo de que nem pincel nem lira poderão fazer mais do que eu.

CARLOTA - Oh! é de mais! Deus me livre de o tomar por espelho. Os meus são melhores. Dizem coisas menos agradáveis, porém, mais verdadeiras...

VALENTIM - Os espelhos são obras humanas; imperfeitos, como todas as obras humanas. Que melhor espelho quer Vossa Excia. que uma alma ingênua e cândida?

CARLOTA - Em que corpo encontrarei... esse espelho?

VALENTIM - No meu.

CARLOTA - Supõe-se cândido e ingênuo!

VALENTIM - Não me suponho, sou.

CARLOTA - É por isso que traz perfumes e palavras que embriagam? Se há candura é em querer fazer-me crer...

VALENTIM - Oh! não queira V. Excia. trocar os papéis. Bem sabe que os seus perfumes e as suas palavras é que embriagam. Se eu falo um tanto diversamente do comum é porque falam em mim o entusiasmo e a admiração. Quanto a V. Excia. basta abrir os lábios para deixar cair dele aromas e filtros cujo segredo só a natureza conhece.

CARLOTA - Estimo antes vê-lo assim. *(Começa a desenhar distraidamente em um papel).*

VALENTIM - Assim... como?

CARLOTA - Menos... melancólico.

VALENTIM - É esse o caminho do seu coração?

CARLOTA - Queria que eu própria lho indicasse? Seria trair-me, e tirava-lhe a graça e a glória de o encontrar por seus próprios esforços.

VALENTIM - Onde encontrarei um roteiro?

CARLOTA - Isso não tinha graça! A glória está em achar o desconhecido depois da luta e do trabalho... Amar e fazer-se amar por um roteiro... oh! que coisa de mau gosto!

VALENTIM - Prefiro esta franqueza. Mas V. Excia. deixa-me no meio de uma encruzilhada com quatro ou cinco caminhos diante de mim, sem saber qual hei de tomar. Acha que isto é de coração compassivo?

CARLOTA - Ora! siga por um deles, à direita ou à esquerda.

VALENTIM - Sim, para chegar ao fim e encontrar um muro; voltar, tomar depois por outro...

CARLOTA - E encontrar outro muro? É possível. Mas a esperança acompanha os homens e com a esperança, neste caso, a curiosidade. Enxugue o suor, descanse um pouco, e volte a procurar o terceiro, o quarto, o quinto caminho, até encontrar o verdadeiro. Suponho que todo o trabalho se compensará com o achado final.

VALENTIM - Sim. Mas, se depois de tanto esforço, for encontrar-me no verdadeiro caminho com algum outro viandante de mais tino e fortuna?

CARLOTA - Outro?... que outro? Mas... isto é uma simples conversa... O Sr. faz-me dizer coisas que não devo... *(Cai o lápis ao chão. Valentim apressa-se em apanhá-lo e ajoelha nesse ato).*

CARLOTA - Obrigada. *(Vendo que ele continua ajoelhado).* Mas levante-se!

VALENTIM - Não seja cruel!

CARLOTA *(levantando-se)* - Faça o favor de levantar-se!

VALENTIM *(levantando-se)* - É preciso pôr um termo a isto!

CARLOTA *(fingindo-se distraída)* - A isto o que?

VALENTIM - V. Excia. é de um sangue frio de matar!

CARLOTA - Queria que me fervesse o sangue? Tinha razão para isso. A que propósito fez esta cena de comédia?

VALENTIM - V. Excia. chama a isto comédia?

CARLOTA - Alta comédia, está entendido. Mas que é isto? Está com lágrimas nos olhos?

VALENTIM - Eu... ora... ora... que lembrança!

CARLOTA - Quer que lhe diga? Está ficando ridículo.

VALENTIM - Minha senhora!

CARLOTA - Oh! ridículo! ridículo!

VALENTIM - Tem razão. Não devo parecer outra coisa a seus olhos! O que sou eu para V. Excia.? Um ente vulgar, uma fácil conquista que V. Excia. entretêm, ora animando, ora repelindo, sem deixar nunca conceber esperanças fundadas e duradouras. O meu coração virgem deixou-se arrastar. Hoje, se quisesse arrancar de mim este amor, era preciso arrancar com ele a vida. Oh! não ria, que é assim!

VALENTIM - Por que motivo havia de me ouvir com interesse?

CARLOTA - Não é por ter a alma seca; é por não acreditar nisso.

VALENTIM - Não acredita?

CARLOTA - Não.

VALENTIM *(esperançoso)* - E se acreditasse?

CARLOTA *(com indiferença)* - Se acreditasse, acreditava!

VALENTIM - Oh! é cruel!

CARLOTA *(depois de um silêncio)* - Que é isso? Seja forte! Se não por si, ao menos pela posição esquerda em que me coloca.

VALENTIM *(sombrio)* - Serei forte? Fraco no parecer de alguns... forte no meu... Minha senhora!

CARLOTA *(assustada)* - Onde vai?

VALENTIM - Até... minha casa! Adeus! *(Sai arrebatadamente. Carlota para estacada; depois vai ao fundo, volta ao meio da cena, vai à direita; entra o Doutor).*

CARLOTA - Sinto que não possa ouvi-lo com interesse.

CENA V

Carlota, o Doutor

DOUTOR - Não me dirá, minha senhora, o que tem Valentim que passou por mim como um raio, agora, na escada?

CARLOTA - Eu sei! Ia mandar em procura dele. Disse-me aqui umas palavras ambíguas, estava exaltado, creio que...

DOUTOR - Que se vai matar?... *(Correndo para a porta).* Faltava mais esta!...

CARLOTA - Ah! por que?

DOUTOR - Porque mora longe. No caminho há de refletir e mudar de parecer. Os olhos das damas já perderam o condão de levar um pobre diabo à sepultura: raros casos provam uma diminuta exceção.

CARLOTA - De que olhos e de que condão me fala?

DOUTOR - Do condão de seus olhos, minha senhora! Mas que influência é essa que V. Excia. exerce sobre o espírito de quantos se deixam apaixonar por seus encantos? A um inspira a idéia de matar-se; a outro exalta-o de tal modo com algumas palavras e um toque de seu leque, que quase chega a ser causa de um ataque apoplético!

CARLOTA - Está-me falando grego!

DOUTOR - Quer português, minha senhora? Vou traduzir o meu pensamento. Valentim é meu amigo. É um rapaz, não direi virgem de coração, mas com tendências às paixões de sua idade. V. Excia. por sua graça e beleza inspirou-lhe, ao que parece, um desses amores profundos de que os romances dão exemplo. Com vinte e cinco anos, inteligente, benquisto, podia fazer um melhor papel que o de namorado sem ventura. Graças a V. Excia., todas as suas qualidades estão anuladas: o rapaz não pensa, não vê, não conhece, não compreende ninguém mais que não seja Vossa Excia.

CARLOTA - Para aí a fantasia?

DOUTOR - Não, senhora. Ao seu carro atrelou-se com o meu amigo, um velho, um velho, minha senhora, que, com o fim de lhe parecer melhor, pinta a coroa venerável de seus cabelos brancos. De sério que era, fê-lo V. Excia. uma figurinha de papelão, sem vontade nem ação própria. Destes sei eu; ignoro se mais algum dos que freqüentam esta casa andam atordoados como estes dois. Creio, minha senhora, que lhe falei no português mais vulgar e próprio para me fazer entender.

CARLOTA - Não sei até que ponto é verdadeira toda essa história, mas consinta que lhe observe quanto andou errado em bater à minha porta. Que lhe posso eu fazer? Sou

culpada de alguma coisa? A ser verdade isso que contou, a culpa é da natureza que os fez fáceis de amar, e a mim, me fez... bonita?

DOUTOR - Pode dizer mesmo encantadora.

CARLOTA - Obrigada!

DOUTOR - Em troca do adjetivo deixe acrescentar outro não menos merecido: namoradeira.

CARLOTA - Hein?

DOUTOR - Na-mo-ra-dei-ra.

CARLOTA - Está dizendo coisas que não têm senso comum.

DOUTOR - O senso comum é comum a dois modos de entender. É mesmo a mais de dois. É uma desgraça que nos achemos em divergência.

CARLOTA - Mesmo que fosse verdade não era delicado dizer...

DOUTOR - Esperava por essa. Mas V. Excia. esquece que eu, lúcido como estou hoje, já tive os meus momentos de alucinação. Já fiei como Hércules a seus pés. Lembra-se? Foi há três anos. Incorrigível a respeito de amores, tinha razões para estar curado, quando vim cair em suas mãos. Alguns alopatas costumam mandar chamar os homeopatas nos últimos momentos de um enfermo, e há casos de salvação para o moribundo. V. Excia. serviu-me de homeopatia, desculpe a comparação; deu-me uma dose de veneno tremenda, mas eficaz; desde esse tempo fiquei curado.

CARLOTA - Admiro a sua facúndia! Em que tempo padeceu dessa febre de que tive a ventura de o curar?

DOUTOR - Já tive a honra de dizer que foi há três anos.

CARLOTA - Não me recordo. Mas considero-me feliz por ter conservado ao foro um dos advogados mais distintos da capital.

DOUTOR - Pode acrescentar: e à humanidade um dos homens mais úteis. Não se ria, sou um homem útil.

CARLOTA - Não me rio. Conjeturo em que se empregará a sua utilidade.

DOUTOR - Vou auxiliar a sua penetração. Sou útil pelos serviços que presto aos viajantes novéis relativamente ao conhecimento das costas e dos perigos do curso marítimo; indico os meios de chegar sem maior risco à ilha desejada de Cítera.

CARLOTA - Ah!

DOUTOR - Essa exclamação é vaga e não me indica se V. Excia. está satisfeita ou não com a minha explicação. Talvez não acredite que eu possa servir aos viajantes?

CARLOTA - Acredito. Acostumei-me a olhá-lo como a verdade nua e crua.

DOUTOR - É o que dizia há bocado àquele doido Valentim.

CARLOTA - A que propósito dizia?...

DOUTOR - A que propósito? Queria que fosse a propósito da guerra dos Estados-Unidos? da questão do algodão? do poder temporal? da revolução da Grécia? Foi a respeito da única coisa que nos pode interessar, a ele, como marinheiro novel, e a mim, como capitão experimentado.

CARLOTA - Ah! foi...

DOUTOR - Mostrei-lhe os pontos negros do meu roteiro.

CARLOTA - Creio que ele não ficou convencido...

DOUTOR - Tanto não, que se ia deitando ao mar.

CARLOTA - Ora, venha cá. Falemos um momento sem paixão nem rancor. Admito que o seu amigo ande apaixonado por mim. Quero admitir também que eu seja uma namoradeira...

DOUTOR - Perdão: uma encantadora namoradeira...

CARLOTA - Dentada de morcego; aceito.

DOUTOR - Não: atenuante e agravante; sou advogado!

CARLOTA - Admito isso tudo. Não me dirá donde tira o direito de intrometer-se nos atos alheios e de impor as suas lições a uma pessoa que o admira e estima, mas que não é nem sua irmã nem sua pupila?

DOUTOR - Donde? Da doutrina cristã: ensino os que erram.

CARLOTA - A sua delicadeza não me há de incluir entre os que erram.

DOUTOR - Pelo contrário; dou-lhe um lugar de honra: é a primeira.

CARLOTA - Sr. Doutor!

DOUTOR - Não se zangue, minha senhora. Todos erramos; mas V. Excia. erra muito. Não me dirá de que serve, o que aproveita usar uma mulher bonita de seus encantos para espreitar um coração de vinte e cinco anos e atraí-lo com as suas cantilenas, sem outro fim mais do que contar adoradores e dar um público testemunho do que pode a sua beleza? Acha que é bonito? Isto não revolta? *(Movimento de Carlota).*

CARLOTA - Por minha vez pergunto: donde lhe vem o direito de pregar-me sermões de moral?

DOUTOR - Não há direito escrito para isto, é verdade. Mas, eu que já tentei trincar o cacho de uvas pendente, não faço como a raposa da fábula, fico ao pé da parreira para dizer ao outro animal que vier: "Não sejas tolo! não as alcançarás com o teu focinho!" E à parreira impassível: "Seca as tuas uvas ou deixa-as cair; é melhor do que tê-las aí a fazer cobiça às raposas avulsas!" É o direito da desforra!

CARLOTA - Ia-me zangando. Fiz mal. Com o Sr. Doutor é inútil discutir: fala-se pela razão, responde pela parábola.

DOUTOR - A parábola é a razão do evangelho, e o evangelho é o livro que mais tem convencido.

CARLOTA - Por tais disposições vejo que não deixa o posto de sentinela dos corações alheios?

DOUTOR - Avisador de incautos; é verdade.

CARLOTA - Pois declaro que dou ás suas palavras o valor que merecem.

DOUTOR - Nenhum?

CARLOTA - Absolutamente nenhum. Continuarei a receber com a mesma afabilidade o seu amigo Valentim.

DOUTOR - Sim, minha senhora!

CARLOTA - E ao Doutor também.

DOUTOR - É magnanimidade.

CARLOTA - E ouvirei com paciência evangélica as suas prédicas não encomendadas.

DOUTOR - E eu pronto a proferi-las. Ah! minha senhora, se as mulheres soubessem quanto ganhariam se não fossem vaidosas! É negócio de cinqüenta por cento.

CARLOTA - Estou resignada: crucifique-me!

DOUTOR - Em outra ocasião.

CARLOTA - Para ganhar forças, quer almoçar segunda vez?

DOUTOR - Há de consentir que recuse.

CARLOTA - Por motivo de rancor

DOUTOR *(pondo a mão no estômago)* -Por motivo de incapacidade. *(Cumprimenta e dirige-se à porta. Carlota sai pelo fundo. Entra Valentim).*

CENA VI

O Doutor, Valentim

DOUTOR - Oh! A que horas é o enterro?

VALENTIM - Que enterro? De que enterro me falas tu?

DOUTOR - Do teu. Não ias procurar o descanso, meu Werther?

VALENTIM - Ah! não me fales! Esta mulher... Onde está ela?

DOUTOR - Almoça.

VALENTIM - Sabes que a amo. Ela é invencível. Às minhas palavras amorosas respondeu com a frieza do sarcasmo. Exaltei-me e cheguei a proferir algumas palavras que poderiam indicar da minha parte: uma intenção trágica. O ar da rua fez-mebem; acalmei-me...

DOUTOR - Tanto melhor!...

VALENTIM - Mas eu sou teimoso.

DOUTOR - Pois ainda crês?...

VALENTIM - Ouve: sinceramente aflito e apaixonado, apresentei-me a D. Carlota como era. Não houve meio de torná-la compassiva. Sei que não me ama; mas creio que não está longe disso; acha-se em um estado que basta uma faísca para acender-se-lhe no coração a chama do amor. Se não se comoveu à franca manifestação do meu afeto, há de comover-se a outro modo de revelação. Talvez não se incline ao homem poético e apaixonado; há de inclinar-se ao heróico ou até cético... ou a outra espécie. Vou tentar um por um.

DOUTOR - Muito bem. Vejo que raciocinas; é porque o amor e a razão dominam em ti com força igual. Graças a Deus, mais algum tempo e o predomínio da razão será certo.

VALENTIM - Achas que faço bem?

DOUTOR - Não acho, não, senhor!

VALENTIM - Por que?

DOUTOR - Amas muito esta mulher? É próprio da tua idade e da força das coisas. Não há caso que desminta esta verdade reconhecida e provada: que a pólvora e o fogo, uma vez próximos, fazem explosão.

VALENTIM - É uma doce fatalidade esta!

DOUTOR - Ouve-me calado. A que queres chegar com este amor? Ao casamento; é honesto e digno de ti. Basta que ela se inspire da mesma paixão, e a mão do himeneu virá converter em uma só as duas existências. Bem. Mas não te ocorre uma coisa: é que esta mulher, sendo uma namoradeira, não pode tornar-se vestal muito cuidadosa da ara matrimonial.

VALENTIM - Oh!

DOUTOR - Protestas contra isto? É natural. Não serias o que és se aceitasses à primeira vista a minha opinião. É por isso que te peço reflexão e calma. Meu caro, o marinheiro conhece as tempestades e os navios; eu conheço os amores e as mulheres; mas avalio no sentido inverso do homem do mar; as escunas veleiras são preferidas pelo homem do mar, eu voto contra as mulheres veleiras.

VALENTIM - Chamas a isto uma razão?

DOUTOR - Chamo a isto uma opinião. Não é a tua! há de sê-lo com o tempo. Não me faltará ocasião de chamar-te ao bom caminho. A tempo o ferro é mezinha, disse Sá de Miranda. Empregarei o ferro.

VALENTIM - O ferro?

DOUTOR - O ferro. Só as grandes coragens é que se salvam. Devi a isso salvar-me das unhas deste gavião disfarçado de quem queres fazer tua mulher.

VALENTIM - O que estás dizendo?

DOUTOR - Cuidei que sabias. Também eu já trepei pela escada de seda para cantar a cantiga de Romeu à janela de Julieta.

VALENTIM - Ah!

DOUTOR - Mas não passei da janela. Fiquei ao relento, do que me resultou uma constipação.

VALENTIM - É natural. Pois como havia ela de amar a um homem que quer levar tudo pela razão fria dos seus libelos e embargos de terceiro?

DOUTOR - Foi isso que me salvou; os amores como os desta mulher precisam um tanto ou quanto de chicana. Passo pelo advogado mais chicaneiro do foro; imagina se a tua viúva podia haver-se comigo! Vem o meu dever com embargos de terceiros e eu ganhei a demanda. Se, em vez de comer tranqüilamente a fortuna de teu pai, tivesses cursado a academia de S. Paulo ou Olinda, estavas, como eu, armado de broquel e cota de malhas.

VALENTIM -. É o que te parece. Podem acaso as ordenações e o código penal contra os impulsos do coração? É querer reduzir a obra de Deus à condição da obra dos homens. Mas bem vejo que és o advogado mais chicaneiro do foro.

DOUTOR - E, portanto, o melhor.

VALENTIM - Não, o pior, porque não me convenceste.

DOUTOR - Ainda não?

VALENTIM - Nem me convencerás nunca.

DOUTOR - Pois é pena!

VALENTIM - Vou tentar os meios que tenho em vista; se nada alcançar talvez me resigne à sorte.

DOUTOR - Não tentes nada. Anda jantar comigo e vamos à noite ao teatro.

VALENTIM - Com ela? Vou.

DOUTOR - Nem me lembrava que a tinha convidado.

DOUTOR - Com que contas? Com a tua estrela? Boa fiança!

VALENTIM Conto comigo.

DOUTOR - Ah! melhor ainda!

CENA VII

Doutor, Valentim, Inocêncio

INOCÊNCIO - O corredor está deserto.

DOUTOR - Os criados servem à mesa. D. Carlota está almoçando. Está melhor?

INOCÊNCIO - Um tanto.

VALENTIM - Esteve doente, Sr. Inocêncio?

INOCÊNCIO - Sim, tive uma ligeira vertigem. Passou. Efeitos do amor... quero dizer... do calor.

VALENTIM - Ah!

INOCÊNCIO - Pois olhe, já sofri calor de estalar passarinho. Não sei como isto foi. Enfim, são coisas que dependem das circunstâncias.

VALENTIM - Espero que hei de vencer.

VALENTIM - Houve circunstâncias?

INOCÊNCIO - Houve... *(sorrindo)* Mas não as digo... não!

VALENTIM - É segredo?

INOCÊNCIO - Se é!

VALENTIM - Sou discreto como uma sepultura; fale!

INOCÊNCIO - Oh! não! É um segredo meu e de mais ninguém... ou a bem dizer, meu e de outra pessoa... ou não, meu só!

DOUTOR - Respeitamos os segredos, seus ou de outros!

INOCÊNCIO - V. S. é, um portento! Nunca me hei de esquecer que me comparou ao sol! A certos respeitos andou avisado: eu sou uma espécie de sol, com uma diferença, é que não nasço para todos, nasço para todas!

DOUTOR - Oh! Oh!

VALENTIM - Mas V. S. está mais na idade de morrer que de nascer.

INOCÊNCIO - Apre, lá! com trinta e oito anos, a idade viril! V. S. é que é uma criança!

VALENTIM - Enganaram-me então. Ouvi dizer que V. S. fora aos últimos a beijar a mão de D. João VI, quando daqui se foi, e que nesse tempo era já taludo.

INOCÊNCIO - Há quem se divirta em caluniar a minha idade. Que gente invejosa! Onde vai, Doutor?

DOUTOR - Vou sair.

VALENTIM - Sem falar a D. Carlota?

DOUTOR - Já me havia despedido quando chegaste. Hei de voltar. Até logo. Adeus, Sr. Inocêncio!

INOCÊNCIO - Felizes tardes, Sr. Doutor!

CENA VIII

Valentim, Inocêncio

INOCÊNCIO - É uma pérola este doutor! Delicado e bem falante! Quando abre a boca parece um deputado na assembléia ou um cômico na casa da ópera!

VALENTIM - Com trinta e oito anos e ainda fala na casa da ópera?

INOCÊNCIO - Parece que V. S. ficou engasgado com os meus trinta e oito anos! Supõe talvez que eu seja um Matusalém? Está enganado. Como me vê, faço andar à roda muita cabecinha de moça. À propósito, não acha esta viúva uma bonita senhora?

VALENTIM - Acho.

INOCÊNCIO - Pois é da minha opinião! Delicada, graciosa, elegante, faceira, como ela só... Ah!

VALENTIM - Gosta dela?

INOCÊNCIO *(com indiferença)* - Eu? gosto. E V. S.?

VALENTIM - *(com indiferença)* - Eu? gosto.

INOCÊNCIO *(com indiferença)* - Assim, assim?

VALENTIM *(com indiferença)* - Assim, assim.

INOCÊNCIO (*contentíssimo, apertando-lhe a mão)* - Ah! meu amigo!

CENA IX

Valentim, Inocêncio, Carlota

VALENTIM - Aguardávamos a sua chegada com a sem cerimônia de pessoas íntimas.

CARLOTA - Oh! fizeram muito bem! *(Senta-se).*

INOCÊNCIO - Não ocultarei que estava ansioso pela presença de V. Excia.

CARLOTA - Ah! obrigada... Aqui estou! *(Um silêncio).* Que novidades há, Sr. Inocêncio?

INOCÊNCIO - Chegou o paquete.

CARLOTA - Ah! *(Outro silêncio).* Ah! chegou o paquete? *(Levanta-se).*

INOCÊNCIO - Já tive a honra de...

CARLOTA - Provavelmente traz notícias de Pernambuco?... do cólera?...

INOCÊNCIO - Costuma trazer...

CARLOTA - Vou mandar ver cartas... tenho um parente no Recife... Tenham a bondade de esperar...

INOCÊNCIO - Por quem é... não se incomode. Vou eu mesmo.

CARLOTA - Ora! tinha que ver...

INOCÊNCIO - Se mandar um escravo ficará na mesma... demais, eu tenho relações com a administração do correio... O que talvez ninguém possa alcançar já e já, eu me encarrego de obter.

CARLOTA - A sua dedicação corta-me a vontade de impedi-lo. Se me faz o favor...

INOCÊNCIO - Pois não, até já! *(Beija-lhe a mão e sai).*

CENA X

Carlota, Valentim

CARLOTA - Ah! ah! ah!

VALENTIM - V. Excia. ri-se?

CARLOTA - Acredita que foi para despedi-lo que o mandei ver cartas ao correio?

VALENTIM - Não ouso pensar...

CARLOTA - Ouse, porque foi isso mesmo.

VALENTIM - Haverá indiscrição em perguntar com que fim?

CARLOTA - Com o fim de poder interrogá-lo acerca do sentido de suas palavras quando daqui saiu.

VALENTIM - Palavras sem sentido...

CARLOTA - Oh!

VALENTIM - Disse algumas coisas... tolas!

CARLOTA - Está tão calmo para poder avaliar desse modo as suas palavras?

VALENTIM - Estou.

CARLOTA - Demais, o fim trágico que queria dar a uma coisa que começou por idílio... devia assustá-lo.

VALENTIM - Assustar-me? Não conheço o termo.

CARLOTA - É intrépido?

VALENTIM - Um tanto. Quem se expôs à morte não deve temê-la em caso nenhum.

CARLOTA - Oh! Oh! poeta, e intrépido de mais a mais.

VALENTIM - Como lord Byron.

CARLOTA - Era capaz de uma segunda prova do caso de Leandro?

VALENTIM - Era. Mas eu já tenho feito coisas equivalentes.

CARLOTA - Matou algum elefante, algum hipopótamo?

VALENTIM - Matei uma onça.

CARLOTA - Uma onça?

VALENTIM - Pele malhada das cores mais vivas e esplêndidas; garras largas e possantes; olhar fulvo, peito largo e duas ordens de dentes afiados como espadas.

CARLOTA - Jesus! Esteve diante desse animal!

VALENTIM - Mais do que isso; lutei com ele e matei-o.

CARLOTA - Onde foi isso?

VALENTIM - Em Goiás.

CARLOTA - Conte essa história, novo Gaspar Corrêa.

VALENTIM - Tinha eu vinte anos. Andávamos à caça eu e mais alguns. Internamo-nos mais do que devíamos pelo mato. Eu levava comigo uma espingarda, uma pistola e uma faca de caça. Os meus companheiros afastaram-se de mim. Tratava de procurá-los quando senti passos. Voltei-me...

CARLOTA - Era a onça?

VALENTIM - Era a onça. Com o olhar fito sobre mim, parecia disposta a dar-me o bote. Encarei-a, tirei cautelosamente a pistola e atirei sobre ela. O tiro não lhe fez mal. Protegido pelo fumo da pólvora, acastelei-me atrás de um tronco de árvore. A onça foi-me no encalço, e durante algum tempo andamos, eu e ela, a dançar à roda do tronco. Repentinamente levantou as patas e tentou esmagar-me abraçando a árvore; mais rápido que o raio, agarrei-lhe as mãos e apertei-a contra o tronco. Procurando escapar-me, a fera quis morder-me em uma das mãos; com a mesma rapidez tirei a faca de caça e cravei-lha no pescoço; agarrei-lhe de novo a pata e continuei a apertá-la até que os meus companheiros, orientados pelo tiro, chegaram ao lugar do combate.

CARLOTA - E mataram?...

VALENTIM - Não foi preciso. Quando larguei as mãos da fera, um cadáver pesado e tépido caiu no chão.

CARLOTA - Ora, mas isto é a história de um quadro da Academia!

VALENTIM - Só há um exemplar de cada feito heróico?

CARLOTA - Pois, deveras, matou uma onça?

VALENTIM - Conservo-lhe a pele como uma relíquia preciosa.

CARLOTA - É valente; mas pensando bem não sei de que vale ser valente.

VALENTIM - Oh!

CARLOTA - Palavra que não sei. Essa valentia fora do comum não é dos nossos dias. Às proezas tiveram seu tempo; não me entusiasma essa luta do homem com a fera, que nos aproxima dos tempos bárbaros da humanidade. Compreendo agora a razão por que usa dos perfumes mais ativos; é para disfarçar o cheiro dos filhos do mato, que naturalmente há de ter encontrado mais de uma vez. Faz bem.

VALENTIM - Fera verdadeira é a que V. Excia. me atira com esse riso sarcástico. O que pensa então que possa excitar o entusiasmo?

CARLOTA - Ora, muita coisa! Não o entusiasmo dos heróis de Homero; um entusiasmo mais condigno nos nossos tempos. Não precisa ultrapassar as portas da cidade para ganhar títulos à admiração dos homens.

VALENTIM - V. Excia. acredita que seja uma verdade o aperfeiçoamento moral dos homens na vida das cidades?

CARLOTA - Acredito.

VALENTIM - Pois acredita mal. A vida das cidades estraga os sentimentos. Aquele que eu pude ganhar e entreter na assistência das florestas, perdi-os depois que entrei na vida tumultuaria das cidades. V. Excia. ainda não conhece as mais verdadeiras opiniões.

CARLOTA - Dar-se-á caso que venha pregar contra o amor?...

VALENTIM - O amor! V. Excia. pronuncia essa palavra com uma veneração que parece estar falando de coisas sagradas! Ignora que o amor é uma invenção humana?

CARLOTA - Oh!

VALENTIM - Os homens, que inventaram tanta coisa, inventaram também este sentimento. Para dar justificação moral à união dos sexos inventou-se o amor, como se inventou o casamento para dar-lhe justificação legal. Esses pretextos, com oandar do tempo, tornaram-se motivos. Eis o que é o amor!

CARLOTA - É mesmo o senhor quem me fala assim?

VALENTIM - Eu mesmo.

CARLOTA - Não parece. Como pensa a respeito das mulheres?

VALENTIM - Aí é mais difícil. Penso muita coisa e não penso nada. Não sei como avaliar essa outra parte da humanidade extraída das costelas de Adão. Quem pode pôr leis ao mar! É o mesmo com as mulheres. O melhor é navegar descuidadamente, a pano largo.

CARLOTA - Isso é leviandade.

VALENTIM - Oh! minha senhora!

CARLOTA - Chamo leviandade para não chamar despeito.

VALENTIM - Então há muito tempo que sou leviano ou ando despeitado, porque esta é a minha opinião de longos anos. Pois ainda acredita na afeição íntima entre a descrença masculina e... dá licença? a leviandade feminina?

CARLOTA - É um homem perdido, Sr. Valentim. Ainda há santas afeições, crenças nos homens, e juízo nas mulheres. Não queira tirar a prova real pelas exceções. Some a regra geral e há de ver. Ah! mas agora percebo!

VALENTIM - O que?

CARLOTA *(rindo)* - Ah! ah! ah! Ouça muito baixinho, para que nem as paredes possam ouvir: este não é ainda o caminho do meu coração, nem a valentia, tão pouco.

VALENTIM - Ah! tanto melhor! Volto ao ponto de partida e desisto da gloria.

CARLOTA - Desanima? *(Entra o Doutor).*

VALENTIM - Dou-me por satisfeito. Mas já se vê, como cavalheiro, sem rancor nem hostilidade. *(Entra Inocêncio);*

CARLOTA - É arriscar-se a novas tentativas.

VALENTIM - Não!

CARLOTA - Não seja vaidoso. Está certo?

VALENTIM - Estou. E a razão é esta: quando não se pode atinar com o caminho do coração toma-se - o caminho da porta.*(Cumprimenta* e *dirige-se para a porta).*

CARLOTA - Ah! - Pois que vá! Estava aí, Sr. Doutor? Tome cadeira.

DOUTOR *(baixo)* - Com uma advertência: há muito tempo que me fui pelo caminho da porta.

CARLOTA *(séria)* - Prepararam ambos esta comédia?

DOUTOR - Comédia, com efeito, cuja moralidade Valentim incumbiu-se de resumir: - Quando não se pode atinar com o caminho do coração, deve-se tomar sem demora o caminho da porta. *(Saem o doutor e Valentim).*

CARLOTA *(vendo Inocêncio)* - Pode sentar-se. *(Indica-lhe uma cadeira. Risonha).* Como passou?

INOCÊNCIO *(senta-se meio desconfiado, mas levanta-se logo)* - Perdão: eu também vou pelo caminho da porta! *(Sai. Carlota atravessa arrebatadamente a cena.)*

(Cai o pano)

.

Freeditorial